

VIRIATO CORRÊA

**JURITÍ**

Peça de costumes sertanejos em 3 atos,  
música de FRANCISCA GONZAGA

(Representada pela primeira vez no Teatro São Pedro de Alcântara,  
do Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1919.)



# Personagens e seus Criadores

MAJOR FULGÊNCIO .....	Arthur de Oliveira
GRAÚNA .....	Salles Ribeiro
CORCUNDINHA .....	Vicente Celestino
VIGÁRIO .....	Teixeira Bastos
DR. JUCA .....	Antônio Silva
DR. RAPOSO .....	Antônio Gouveia
CABO .....	Manuel Durães
CORONEL CUTRIM .....	Alves da Silva
ZÉ FOGUETEIRO .....	Procópio Ferreira
GUARIBA .....	Reinaldo Teixeira
1.º MATUTO .....	Bernardo
2.º MATUTO .....	Silva
3.º MATUTO .....	Vianna
4.º MATUTO .....	Varella
JURITI .....	Abigail Maia
D. FAUSTINA .....	Medina de Souza
SOFIA .....	Beatriz Gouveia
D. CANUTA .....	Luiza Nazareth
BIBINA .....	Carolina Alves
BONIFÁCIA .....	Josefina Barco
COTA SAREPÓ .....	Nair Alves
PRISCA .....	Emília de Souza
1.ª MATUTA .....	Gertrudes
2.ª MATUTA .....	Noemi
1.ª MATUTINHA .....	Georgeta
2.ª MATUTINHA .....	Cecília
3.ª MATUTINHA .....	Carmen
4.ª MATUTINHA .....	Paqueta
5.ª MATUTINHA .....	Sílvia
6.ª MATUTINHA .....	Leonor

## PESSOAL DO BUMBA-MEU-BOI

CABOCLOS .....	Bernardo e César
VAQUEIROS .....	Varella e Boscarin
D. MARIA .....	Amélia
AMO .....	Diniz
BURRINHAS .....	João, Silva e Vianna

Músicos da Filarmônica Lira de Prata, Soldados do Destacamento do Cabo, Capangas, Tocadores de violas, Cavaquinhos, Gansas, Requeques, Homens e mulheres do povo, Boiadeiros, etc.

*Tôda e qualquer representação desta peça, seja por que processo fôr,  
depende de autorização prévia da*

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS**



# JURITÍ

Peça de costumes sertanejos em 3 atos, de  
VIRIATO CORRÊA

## PRIMEIRO ATO

(Ao fundo a casa de residência do Major Fulgêncio, casa rústica, de fazenda, é praticável, com o avarandado clássico das residências sertanejas. A entrada, o alpendre de madeira e pedra, florido de trepadeiras. O resto da cena representa o terreiro, arborizado. Vai caindo a tarde.)

(Ao subir o pano matutos e matutas cantam no terreiro e no peitoril da varanda da casa. Fulgêncio ao meio, agradecendo.)

### CENA I

(Zé Fogueteiro, Major Fulgêncio, Cota Sarapó, Prisca, Matutos e Matutas.)

CÓRO —  
Haja alegria!  
Haja calor!  
Para saudar  
O seu doutor! (Cantam os do 1.º plano e os do 2.º repetem o verso.)

COTA e ZÉ FOGUETEIRO —  
No peito da nossa gente  
Da alegria abre-se a flor,  
Todo o mundo está contente  
Por chegar nosso doutor. (Grandes vivas. Dança-se. Repete-se o Côro):  
Haja alegria!  
Etc.

COTA e ZÉ FOGUETEIRO —  
Já que temos hoje em dia  
Um doutor neste sertão  
Haja calor, alegria  
Dança, foguete em porção. (Vivas. Danças.)

MAJOR FULGÊNCIO — (Que desce.) Obrigado, minha gente, obrigado. (Cessam os vivas.) Vocês então estão contentes porque meu filho doutor chegou formado?! Assim é que eu gosto de ver. O rapaz está lá dentro, já

vem aí ver vocês. Está acabando de mudar a roupa.

COTA SARAPÓ — Major Fulgêncio está contente, não?

MAJOR — Lá vem besteira! E não havia de estar mulher?! Pois eu formo meu filho, estou com êle dentro de casa e não havia de estar contente! Vocês sabem lá o que é a alegria da gente ter formado um filho? Eu chego a ter vontade de rir, de chorar, de me atirar no chão, de fazer bobagem. Quando eu recebi a notícia que meu filho se tinha formado...

PRISCA — (Interrompendo.) Seu major teve um choque no peito, não foi?

MAJOR — Qual peito, qual nada! Foi na perna, na cabeça, na barriga, no corpo todo. E me deu uma coisa que eu levei três dias da sala pra cozinha.

COTA — É assim mesmo. Quando a gente tem um choque qualquer é sempre a barriga que sofre.

MAJOR — Mas não perdi tempo. Bati pra côrte e fui buscar meu filho.

PRISCA — Mas seu Major Fulgêncio foi mesmo até lá no Rio de Janeiro?

MAJOR — E então, Prisca! Que há nisso de extraordinário? Eu queria entrar aqui na vila com o meu filho na frente, pra quebrar a castanha na bôca do coronel Cutrim. Êle dizia que meu filho era vadio, que era burro, que só se formava quando galinha ciscasse pra frente. Pois aí está o Juca formado, com pregaminho! Doutor de lêzes!

FOGUETEIRO — Agora é que eu quero ver. O coronel Cutrim diz que é o maioral desta terra, porque é delegado e o partido dêle, o Conservador, está de riba. Sim, mas seu major tem filho doutor. Quero ver qual dos dois é maior.



MAJOR — Qual é o maior? O maior sou eu. O meu partido, o Liberal, está de baixo não nego, mas eu sou o Intendente até acabar o meu tempo. Quem cobra os impostos? Eu. Logo eu sou o maior. E agora o Cutrim vai ficar arrenegado da vida. O Juca está aí formado. Quando o Cutrim quiser pintar o sete comigo, eu boto o Juca em riba dêle, c'os livros!

(Canta)

Ninguém agora  
Me desautora,  
Ninguém se arvora  
A me fazer pirraça, não...  
Formei meu filho  
E desafio  
O poderio  
Do maioral dêste sertão.

(Côro repete êstes 4 versos. No 1.º verso muda meu por seu, formei por formou, no desafio muda por desafia.)

(Exclamações de 4 ou 5 pessoas do povo):

Aí seu Majó! Castigue o Cutrim! Machuque o bruto!

MAJOR —

Formei meu Juca  
Pra pôr maluca  
Essa caduca  
Gentinha lá de seu Cutrim...  
Doutor formado,  
Advogado,  
Cá pra meu lado  
O Juca torce a lei pra mim.

CÔRO — (Repete.)

MAJOR —

Como Intendente  
Enterro o dente,  
Só cobro a gente  
Do partido Conservador...  
Ninguém agora  
Me mete a espora,  
Nem me apavora,  
Eu tenho já filho doutor... (Repete-se a rubrica acima.)

(Falando) — Agora, minha gente, vamos cuidar da festa. Zé Fogueteiro, eu quero muito foguete, hoje. (Mudando de tom.) — Olhem aqui: meu filho doutor veio acompanhado de um amigo, doutor como êle, môço fino, môço da côrte, que veio conhecer o sertão. A festa precisa ser de arromba p'ra êle ficar admirado.

FOGUETEIRO — Seu Majó, eu queria dizer umas coisas p'ra seu Juca.

MAJOR — Seu Juca, não, rapaz! Dobra a língua — doutor Juca! Vão se acostumando. É preciso respeitar o pregaminho. (Mudando de tom.) Que é que tu querias dizer?

FOGUETEIRO — Era cá uma falação.

MAJOR — Discurso? Muito bom. Olha lá, não vai fazer bobagem. (Para o povo.) Quan-

do meu filho doutor chegar ali, na varanda, vocês formam ala e tu, Zé Fogueteiro, solta a falação! Vou lá dentro apressar o rapaz. Mas cadê a Juriti?

COTA — Ainda está lá em casa.

MAJOR — Manda chamar. A Juriti precisa estar aqui. Festa sem a Juriti não é nada. É a môça mais dançadeira dêste sertão. Eu vou lá dentro. (Sai.)

## CENA II

(Os mesmos e Bibina.)

PRISCA — Oia lá, Fogueteiro, que é que tu vais dizer pra seu Juca. Não vai te engasgar.

FOGUETEIRO — Siá Prisca pensa que eu sou criança! Então eu não sei fazer discurso?! Quando você batizou seu filho, quem falou na hora da mesa? Quando o major Fulgêncio foi eleito Intendente, quem falou? E eu me engasguei? Eu sou criança?!

BIBINA — (Quem vem a correr da casa aos fundos.) Vocês sabem de uma coisa? Êsse môço que veio com mano Juca tem o peito cabeludo!

COTA — (Escandalizada.) Como é que siá dona Bibina sabe disso?

BIBINA — (Sem maldade.) Olhei pelo buraco da fechadura. Êle estava se vestindo.

1.ª MATUTINHA — E êle é bonito?

BIBINA — (Idem) Não sei. Quando êle entrou eu estava lá pra dentro. Agora, pelo buraco da fechadura, não pude ver. Só vi cabelo.

PRISCA — Êle é casado?

BIBINA — Solteiro. Era companheiro de casa de Juca, lá na côrte. Como está adoentado veio passeiar no sertão.

## CENA III

(Os mesmos e Major.)

MAJOR — (Entrando a correr.) Pessoal! Pessoal! Meu filho doutor já vem aí. Vem com o amigo dêle, o doutor Raposo. Quando êles aparecerem gritem: — Viva o doutor Juca! E logo em riba: — Viva o amigo doutor do doutor Juca. (Para Bibina.) É uma delicadeza ao nosso hóspede, minha filha. (Para o povo.) Gritem muito viva ao partido Liberal. É pro Cutrim ouvir, lá da casa dêle, e ficar danado.

FOGUETEIRO — A gente grita assim! — Viva o doutor Juca, filho do partido Liberal.

MAJOR — Lá vem besteira! Filho do partido Liberal, não. É meu filho, muito meu, mais de siá Dona Canuta. (Mudando de tom.)



Mas cadê a Juriti, gente? (Mudando de tom, ao ver que Juca, Raposo e D. Canuta aparecem no avarandado.) Lá vem meu filho doutor, pessoal! (Gritando para a varanda.) Pára aí, meu filho, pára. (Baixo ao povo.) Formem alas. Ataca a falação! Fogueteiro! (Fogueteiro fica atrapalhado. Major arrelia-se.) Anda depressa, rapaz, desembucha!

## CENA IV

(Os mesmos, Juca, Raposo e D. Canuta.)

FOGUETEIRO — (Em pôse de quem vai discursar.) Seu Juca!...

MAJOR — (Baixo) Doutor Juca, rapaz! Respeita o pregaminho!

FOGUETEIRO — (Idem) Doutor Juca... (Como querendo lembrar-se.) Seu Dr. Juca Fulgêncio...

MAJOR — (Já inquieto) Anda, rapaz, ataca! Bota essa coisa pra fóra!

FOGUETEIRO — (Idem) Seu doutor Juca Fulgêncio Fulô do nosso sertão... (Engasga-se.)

MAJOR — Ataca, rapaz! (Inquieto) Que vergonha, meu Deus! (Fogueteiro repete os 2 versos procurando baldadamente recordar-se do resto.) Que vergonha! Desembucha!

FOGUETEIRO — Seu Major atrapalha a gente!

MAJOR — Não fala alto, rapaz! (Vendo que Fogueteiro não sai do engasgo, grita para o povo, como para salvar a situação.) Música! Toquem as violas. (Rompe a música de violas, cavaquinhos, rabecas e réco-récos. Cantase e dança-se.)

MULHERES —  
Viva a gente desta casa!  
Viva a gente que aqui está,

HOMENS —  
E viva o filho do chefe  
Do partido liberá!

COTA, PRISCA e ZÉ FOGUETEIRO —  
Nossa gente sertaneja  
Nunca teve honra maior...  
O sertão todo festeja  
O filho de seu major.

MULHERES —  
Seu Dr. Juca Fulgêncio  
É fulô dêste sertão,

HOMENS —  
Há de fazê brevemente  
Nós vencê nas inleição.

JUCA —  
O meu peito resplandece  
Na mais viva gratidão,  
A minha voz emudece  
Pois lhe embarga a comoção. (Descendo.)  
Um abraço para todos!

CANUTA — Olha aqui, meu filho — a Prisca. Olha a Cota Sarapó. Olha a filha dela. Olha a Maria Cabacinha, o Zé Corisco.

MAJOR — Olha o Pedro Terêncio, meu filho. Olha o Firmino Calangro, o Chico Tamanduá.

RAPOSO — Gente forte, alegre, cantadeira.

BIBINA — (Baixo a Canuta) Mamãe, o Dr. Raposo não tira os olhos de mim.

CANUTA — (Baixo a Bibina.) Cala a boca, menina! Baixa os olhos pra não ver êle olhar pra ti.

COTA — (Alegremente) Major Fulgêncio, nós ainda não bebemos a saúde do doutor.

MAJOR — (Caíndo em si.) É verdade. Toca lá pra dentro. (O povo vai entrando na casa.) Canuta, vamos minha mulher. Bibina, vamos minha filha dar de beber ao pessoal. (O povo entra na casa, cantando a última quadra do N.º 3. Saem.)

## CENA V

(Zé Fogueteiro, Juca e Raposo.)

RAPOSO — Onde está essa tal Juriti de que teu pai tanto nos falava durante a viagem?

JUCA — Não sei. Não sei bem quem ela seja. Quando segui para os estudos ela devia ser menina. Oh, Fogueteiro, vem cá! Quem é a Juriti?

FOGUETEIRO — (Com entusiasmo.) Seu doutor não conhece? É a môça mais bonita dêste sertão. É sobrinha de siá Cota Sarapó e vive com ela, desde assinzinha, quando ficou sem mãe. Vale a pena ver a Juriti, seu doutor. É um passarinho. Quando ela está para chegar numa festa a gente de longe sabe logo. É um cheiro de flôr.

JUCA — (Intencionalmente.) Mas ela é?...

FOGUETEIRO — (Veementemente.) Não, seu doutor, menina séria. Vive do trabalho dela. É fazedeira de renda. É luxa! Trabalha só pra se vestir e se veste no trinque como qualquer menina rica aqui do lugar. É noiva. Vai se casar com o Graúna, o vaqueiro do pai de vossa senhoria.

RAPOSO — Mas nem uns namoricos, uns beijos para a gente?

FOGUETEIRO — (Com energia.) Qual o que, seu doutor! A Juriti é séria mesmo.

JUCA — Conversas! Há lá matuta que resista à sedução de moços da cidade, como nós?

FOGUETEIRO — A Juriti não é disso, seu doutor. (Mudando de tom, com calor.) V. senhoria vai ver o que é uma môça bonita. Seu doutor vai ficar babado é quando ela estiver dançando. É mesmo como diz o Graúna: —



ela dança de tal maneira, que a música que a gente ouve parece que sai das saias dela. Parece que são as rendas que ela traz nos vestidos que fazem às vezes das violas.

## CENA VI

(Os mesmos e Cabo.)

CABO — (Entra, estouvadamente, mas com ar de importância.) Olá, seu doutor! como vai v.s.? (Atira-se a Juca com um grande abraço.)

JUCA — (Abraçando-o.) Viva, Cabo! Como vai isso? (Noutro tom.) O meu colega Raposo, que veio passar uns tempos comigo. (Cabo cumprimenta marcialmente.) Isto é um dos tipos mais escovados desta terra. É comandante do destacamento de polícia.

RAPOSO — E aqui há destacamento de polícia?

JUCA — Sim. É o pomposo nome que aqui lhe dão. Quatro ou cinco soldados esquecidos nesta vila pelo governo estadual, há uma dezena de anos.

CABO — Seu doutor, eu vim abraçar v.s. e também esclarecer uma questão. O Coronel Cutrim mandou que eu formasse a banda de música, a nossa Filarmônica Lira de Prata, para vir fazer uma surpresa a seu doutor.

FOGUETEIRO — (Escandalizado.) O coronel Cutrim vai mandar cumprimentar o Dr. Juca! O mundo está pra acabar!

CABO — Mas, como o pai de v.s. está sempre de ponta com o coronel Cutrim, vim saber se seu doutor aceita a surpresa ou não aceita a surpresa. Sim, porque eu não estou pra voltar aqui do terreiro, corrido pelo Major!

RAPOSO — Pelo que já percebi, teu pai e esse conorel Cutrim vivem como gato e cachorro.

CABO — Xi! Brigam mais que duas mulheres que têm um homem só.

FOGUETEIRO — Vivem se “azunhando”. E a demora se encontrarem já se sabe — barulho feio!

JUCA — (Para Raposo) E sabes porque? Política. Aqui existem dois partidos — Liberal, dirigido por meu pai e o Conservador pelo coronel Cutrim (Velhas denominações da monarquia que aqui ficaram até hoje). E, por causa disso, há aqui um constante conflito de autoridades. O partido Conservador está de cima. O Cutrim é o delegado de polícia, o manda-chuva. Mas acontece que meu pai tem um cargo eletivo — é prefeito, ou melhor, intendente como aqui se chama.

RAPOSO — Vivem a desmoralizar um ao outro, certamente.

JUCA — Isso. Um prende, outro manda soltar. Meu pai cobra os impostos, o Cutrim relaxa a cobrança. Um horror! (Noutro tom para o cabo.) Cabo, falaste em banda de música... Que tens tu com ela?

CABO — (Com grande importância.) Xente! Pois eu não sou mestre da banda? Comandante do Destacamento e mestre da Filarmônica Lira de Prata. A banda andava muito escangalhada. Não era, Fogueteiro?

FOGUETEIRO — Vivia tudo brigando.

CABO — E não era só isso. Uma miséria quanto aos instrumentos. O bombo tinha cada buraco assim. O clarinete não tinha palheta. E o piston? Olhe, uma vez a música tocava aqui na sua casa, no dia dos anos do major e o piston foi fazer um solo quando eu, que estava de parte, de repente senti uma bordoadada aqui no pé do ouvido.

JUCA e RAPOSO — (Ao mesmo tempo.) Que era?

CABO — Um pedaço de lacre, seu doutor, lacre do piston. O piston estava furado. O Chico Mandubé tapou o buraco com lacre. Mas na hora do solo, quando êle foi tirar um sustenido, soprou com tanta fôrça que o lacre zás! Me veio bater na orelha. Mas, agora, não, a Filarmônica está que é uma beleza. Sou o mestre.

JUCA — E tu entendes dessa coisa de filarmônica?

CABO — Uê! E eu não sou de uma família de músicos?! Meu pai era trombone, minha mãe era sanfona, minha irmã não tirava a mão do órgão, na igreja. Meu tio era timbales. Eu me criei no badalo do sino. Meu avô era sacristão. Quando sentei praça era um bom flautim. Eu toco tudo.

FOGUETEIRO — Seu doutor já sabe que o Cabo está namorando a D. Faustina?

JUCA — A irmã do Cutrim, aquela velha pavorosa?! (Para Raposo) Essa tal D. Faustina é uma viúva assanhada, irmã do nosso delegado. Uma velha impossível que quer namorar todos os moços que aqui chegam.

CABO — (Sério) Velha não, seu Juca. Criança ela não é, mas, em compensação, é virgem.

RAPOSO — Virgem, uma viúva?

CABO — Pois se ela enviuvou há 15 anos. Uma mulher que enviuvou há 15 anos está virgem de novo. (Noutro tom) Seu doutor não imagina como a D. Faustina me ama. Ela não me ama como cabo, não senhor, ama-me como mestre da Filarmônica.

JUCA — Conta lá isso.

CABO — É que a música é um remédio danado pra abrandar os corações das mulheres. D. Faustina não queria saber de mim como Cabo, mas, depois que eu me fiz mestre



da Filarmônica, a coisa foi outra. Eu sou o bombo da banda. E quando eu suspendo a maceta do bombo, D. Faustina fica me olhando, de olho revirado. Seu doutor já me viu tocar bombo? Tenho execução.

JUCA — Isto é um pândego, Raposo. Prosa como êle só.

CABO — Seu doutor, estou perdendo o tempo. Vou acabar de reunir a Filarmônica. Posso então trazer a banda?

JUCA — Pode.

CABO — Então, até logo. Até loguinho. (Cumprimenta marcialmente e sai pela E.)

### CENA VII

(Os mesmos, Major, Canuta, Bibinha, Matutos, Matutas, Corcundinha). (Fóra.)

MAJOR — (Vindo ao fundo com as figuras acima mencionadas.) Pro terreiro, minha gente, pro terreiro! (Alegria do povo que se espalha pela cena.) Agora vai tudo brincar. Peguem as violas toquem e dancem. Mostrem ao Dr. Raposo como o sertão é alegre. (Ouve-se ao longe a voz dolente de):

CORCUNDINHA — (Cantando, fóra.)

Eu vivo só nesta vida  
Carregando a minha cruz,  
Vivo atrás de ti, querida,  
Como a sombra atrás da luz.

JUCA — (Impressionado) Quem é?

RAPOSO — (Idem) Quem canta tão tristemente?

MAJOR — (Com sentimento) É o Corcundinha. (A Juca) Não te lembras dêle? Aquêlê rapazinho cantador de viola. Coitado, a mode que não está bom da cabeça. Apaixonou-se pela Juriti e, como a Juriti não quis se casar com êle, por gostar do Graúna, o infeliz ficou assim meio aluado.

CANUTA — (Com uma ponta de comiseração.) Passa noites inteiras aí, pelos montes, cantando. Coitado!

BIBINA — (Sentimental) E como canta! É uma beleza. Quando êle pega a viola, e que arranha as cordas, dá vontade da gente chorar.

JUCA — Essa Juriti, pelo que vejo, é fatídica. Faz os moços perderem o juízo.

MAJOR — Qual "tidica" qual nada! O que ela é uma menina muito alegre. Imagina tu que nunca ninguém viu a Juriti triste. É só rindo. E que cantadeira! Cantadeira de viola como qualquer homem. O môço que não fôr bom no verso está perdido no "desafio" com ela.

1.<sup>a</sup> MATUTINHA — (Entrando da D.) Major Fulgêncio, a Juriti está alí adiante.

MAJOR — (Alegremente) Onde?

1.<sup>a</sup> MATUTINHA — Alí à beira da cêrca. "Disque" não vem porque está com vergonha dos doutores.

MAJOR — É faceirice. Vão buscar a Juriti. — (O povo caminha até os fundos da esquerda. Quando lá chega rompe o canto da Juriti que, cercada pelo povo, vem cantando e caminhando para o primeiro plano.)

### CENA VIII

(Os mesmos e Juriti.)

JURITI —

Sou morena, sou roceira,  
A mais leve, a mais faceira  
Que já tem pisado aqui.  
Meu riso de tudo zomba,  
Arisca eu sou como a pomba,  
Como a pomba Juriti.

Sou mais leve do que a espuma,  
Do que a pena, do que a pluma,  
Mais doce que o sapoti.  
Quando nos sambas eu chego  
Há calor, desassossêgo  
Para ver a Juriti.

Quando requebro um chorado  
Fica tudo perfumado  
A baunilha, a bogari...

Quando eu piso num terreiro  
Fala o povo o ano inteiro  
Da graça da Juriti.

JUCA — (Com entusiasmo) Encantadora!

RAPOSO — (Idem) Divina!

MAJOR — Eu não dizia?! É a borboleta aqui do sertão.

JURITI — (Com a sua eterna alegria.) Seu Major está gordo! Seu doutor como chegou?

JUCA — Bem. E tu como passas? Estás linda! Nunca imaginei que ficasses tão bonita.

JURITI — Bonita, eu? Quem perdeu boniteza pra mim achar?!

JUCA — Ninguém perdeu. Monopolisaste-a tôda.

RAPOSO — (Baixo a Juca.) Apresenta-me.

JURITI — Seu doutor nem se lembrava mais de mim.

JUCA — Lembrava-me, sim! Como não?

RAPOSO — (Baixo a Juca.) Apresenta-me, anda.

JUCA — (Apresentando Raposo.) O meu amigo Raposo...

JURITI — (Ligeiramente acanhada.) Estimo conhecê-lo. (Para Juca, já risonha, como para sair do acanhamento.) Se seu doutor



se lembrava de mim o que me trouxe de lembrança?

JUCA — (Ligeiramente embaraçado.) Que te trouxe? (Aparte) Ó diabo, não trouxe nada. (Alto) Ah! sim, trouxe-te um presente.

JURITI — (Com uma curiosidade de criança.) Que presente é? Diga, diga!

JUCA — (Vagamente atrapalhado.) Um lenço de sêda, grande, vermelho, bem vermelho.

JURITI — (Alegríssima.) Um lenço vermelho! Cadê, cadê?

MAJOR — Se tu tens que dar o lenço, dá logo. A roceira não se promete nada.

JUCA — Está lá dentro, na mala. (De súbito, com um plano.) Queres? Vem buscá-lo. (Indecisão de Juriti.) Vem, anda! (Ela atende-o.) Vem também, Raposo. (À parte, para Raposo.) Esta está na unha. Amanhã ou depois será minha; nossa. (Sai com Juriti e Raposo, entrando na casa aos fundos.)

### CENA IX

(Os mesmos e Vigário.)

MAJOR — Tu viste, Canuta? Tu viste, Bibina? (Para o povo.) Vocês viram como os doutores ficaram admirados da Juriti? Isso é p'r'êles saberem que aqui no sertão também tem môça faceira.

VIGÁRIO — (Entrando montado num burrico, depois de saltar.) Nossa Senhora esteja nesta casa! Olá, seu compadre Fulgêncio, venham de lá essas costelas. Vá me contando o que viu na côrte. (Major retrai-se.) Que é isso? Está soberbo porque formou seu filho? (Major continua a retrair-se.) Está zangado comigo? Fale.

MAJOR — (Sério, magoado.) Estou, sim senhor. O compadre não procedeu como amigo.

VIGÁRIO — Não sei de que se trata; diga!

CANUTA — (Para Vigário, magoada.) Quem dá não se lembra, quem apanha nunca se esquece.

VIGÁRIO — Mas falem. Digam o que é.

MAJOR — Estou zangado e com razão. Pois então o compadre não mandou tocar os sinos da igreja na hora que o meu filho doutor chegou! Passei pelo largo da igreja, de propósito. Não é de amigo, franqueza, não é?

VIGÁRIO — Ah! Não foi possível.

CANUTA — Se Juca fôsse filho do coronel Cutrim, seu compadre era até capaz de fazer uma semana santa.

VIGÁRIO — Já disse que não foi possível.

CANUTA e BIBINA — Porque? Diga! Diga!

VIGÁRIO — Por isto: porque não tenho badalo. Estamos sem badalo, comadre Canu-

ta. Do único que havia quebrou a mola e está no ferreiro se consertando. (Mudando de tom.) Agora ajustemos as contas. Vocês me atiram sempre em rosto o nome do coronel Cutrim. Sou tão amigo dêle como de vocês.

BIBINA e CANUTA — É nada! É nada!

VIGÁRIO — Sou. O que eu quero é que acabe essa desavença entre o compadre e o coronel. Quero que, hoje, os dois façam as pazes, em regozijo à chegada do nosso doutor.

MAJOR — Eu? Nunca! Com gente do partido Conservador não quero "mistura". Sou Liberal até no fundo d'água.

VIGÁRIO — Pois fique o compadre sabendo que o coronel Cutrim vem aí, com a irmã, cumprimentar o seu filho.

MAJOR — (Desesperado) Aqui êle não pisa! No meu terreiro êle não põe os pés. Gente do Conservador não entra na minha casa. (Em tom de zombaria.) Olhe, Fogueteiro, olhe Cota, olhe Prisca, olhe Firmino, o coronel Cutrim "disque" vem aí cumprimentar meu filho doutor. (Todos riem.) Já êle conheceu a fôrça, já está com medo do saber de meu filho.

VIGÁRIO — (Conciliador) Mas seu compadre...

MAJOR — (Idem) Êle aqui não pisa.

POVO — (Ruidosamente) Não entra! Não pisa!

VIGÁRIO — Pois êle até mandou formar a banda de música para saudar o seu filho.

MAJOR — (Surpreendido e transmudado.) Mandou formar a Filarmônica? A Lira de Prata? Estou desarmado! Não há dúvida, é uma consideração. Olhe pessoal, o Cutrim vai trazer a Lira de Prata pra cumprimentar meu filho doutor. Estou desarmado. Temos que receber.

VIGÁRIO — Concorde que êle foi delicado.

MAJOR — Não há dúvida. (Com uma gargalhada estrondosa.) Quem havéra de dizer? O chefe do partido Conservador mandando cumprimentar um filho do partido Liberal!

VIGÁRIO — Mas onde está o nosso doutor?

MAJOR — Lá dentro, seu compadre. Anda minha velha, anda minha filha, vamos levar o Vigário para beber uma golada. (Saem Vigário, Canuta, Bibina e Major, isto é, entram na casa aos fundos.)

### CENA X

(Os mesmos, menos Vigário, Major, Canuta e Bibina.)

1.<sup>a</sup> MATUTINHA — (Apontando para fóra.) Olhem que vai ali! O Corcundinha. Pregaram um rabo nas costas dêle.



2.<sup>a</sup> MATUTINHA — (Idem) Está engraçado; venham ver!

POVO — (Gritando para fóra em reboço.) Olha o rabo! Olha o rabo! Macaco! Macaco! (Povo encaminha-se para fóra, a fim de perseguir o Corcundinha que não aparece ao público.)

PRISCA — Não bulam com êle.

COTA — Deixem de malvadeza.

FOGUETEIRO — Venha ver, siá Prisca! Está engraçado!

PRISCA — Até tu, Fogueteiro! Tu não tens pena do infeliz? (Aos gritos e assuadas ao Corcundinha o povo vai saindo para a E. ou D.)

COTA — (Vendo o povo sair.) Deixem de judiaria! Não mexam com o rapaz! Vocês ainda podem ficar como êle. (Encostada a uma árvore ela grita para o povo que não persiga o Corcundinha. Todos saem, menos Cota.)

#### CENA XI

(Cota e Major.)

MAJOR — (Vindo da casa aos fundos, preocupado.) Vem cá, Cota! Que história é essa de uma mulher que está aqui na vila? Meu compadre Vigário me falou assim por alto. Que mulher é essa?

COTA — É uma mulher.

MAJOR — Lá vem besteira! Que é mulher eu sei. Quero saber de que espécie. Môça? Casada? Solteira? Viúva?

COTA — É mulher dama, sim senhor. É uma tal Sofia. Veste tôda no trinque, tôda de pó na cara, cheirosa como um vidro de água de cheiro. Chegou trás-ante-ontem. "Disque" veio atrás do homem dela, aquêle doutor da estrada do telégrafo.

MAJOR — Não é possível. Aqui na vila não pode morar mulher perdida. É preciso um homem pra se responsabilizar por ela. É preciso botar essa mulher daqui pra fóra.

COTA — Ouvi contar que o coronel Cutrim hoje mandou dizer a ela que se retirasse daqui da vila.

MAJOR — Não pode ser! Não pode ser! O coronel Cutrim não pode obrigar uma pessoa a se retirar de um lugar. O mundo é livre. Cada qual, mora onde quer.

COTA — Mas seu Major não acaba de dizer que é preciso botar a mulher pra fóra?

MAJOR — Lá vem besteira! E então?! Tu bem mostras que não entende de política. É assim mesmo. O Cutrim é de um partido, eu sou de outro. Logo que êle pensa em fazer uma coisa, a minha obrigação é pensar o contrário. Política é assim, mulher!

#### CENA XII

(Os mesmos e Graúna.)

GRAÚNA — (Fóra) Não façam isso! Malvados! (Já em cena falando para fóra.) Eu dou um cachaço em cada um. (Mudando de tom ao dar com o major.) Oh! seu Major! Como chegou V.S. (Abraçam-se.)

MAJOR — Que estropício é êsse que tu vens fazendo, Graúna? Que houve?

GRAÚNA — Aquêles malvados, ali, que pregaram um rabo no Corcundinha. Isso é lá brincadeira!

MAJOR — Ignorância, rapaz, ignorância! Conta lá como vai meu gado.

GRAÚNA — Tudo bom, graças a Deus. O pasto está verde que é um gôsto.

MAJOR — Eu vi. Capim verdinho, mesmo. A gente chega até a ter vontade de ser boi pra comer o capim. (Noutro tom.) Vem aqui pra dentro, Graúna. Vem ver o meu filho doutor. (Saem, isto é, entram na casa.)

#### CENA XIII

(Zé Fogueteiro e Cota.)

ZÉ FOGUETEIRO — (Entrando cheio de novidade.) Xi, siá Cota! A Filarmônica está formada lá na porta do coroné Cutrim. Está assim de povo. Vem tudo pra cá. Venha ver.

COTA — Olha, Fogueteiro, seu major Fulgêncio não gosta que pessoal do partido Liberal vá à porta do coroné Cutrim.

FOGUETEIRO — Qual o quê! Os dois hoje fazem as pazes.

COTA — Eles? Duvido! Pois se êles não se podem ver sem brigar!

FOGUETEIRO — A gente olha ali do largo da igreja. Vamos. (Saem para a E.)

#### CENA XIV

(Juca, Raposo, Juriti e Corcundinha.) -- (Fóra.)

(Entram vindos da casa da fazenda. Juriti traz um lenço de sêda vermelho ao pescoço.)

JUCA — Ficaste maravilhosamente linda. Mas assim ficas melhor. (Desata-lhe o lenço do pescoço e amarra-lh'o graciosamente à cabeça.) Que tal, Raposo?

RAPOSO — Sublime! (Ambos ficam extasiados diante de Juriti.)

JUCA — Não parece mentira que, nestas brenhas de sertão, se venha encontrar uma criatura tão linda?!

JURITI — (Com faceirice.) Seus doutores estão mas é mangando comigo. Então tanta



mulher bonita lá na côrte, os senhores vão achar bonita a mim, uma pobre roceira!

JUCA —

És lindíssima. — (Canta)  
Da pomba tu tens a graça  
O fresco viço da flor,

RAPOSO —

E mais leve que a fumaça  
O teu corpo abrasador.

JURITI —

Ninguém comigo se iluda  
Eu já dei meu coração,  
Todo o meu ser se aveluda  
Ao carinho de outra mão.

JUCA —

Esse teu riso envenena,  
O teu feitio seduz,

RAPOSO —

O cheiro tens da açucena,  
A claridade da luz.

JURITI —

Já não tem mais moradia  
Dentro em mim outra paixão,  
Meu coração hoje em dia  
Vive d'outro coração.

RAPOSO — (Para Juca) Imagina êste diabinho lá no Rio de Janeiro, vestida à parisien-se, com uns lindos sapatinhos de salto alto, chapéu de plumas, espartilho...

JURITI — Cruz! E o senhor pensa mesmo que eu me ia sujeitar a isso?!

JUCA — A isso — que?

JURITI — (Com desprêso.) A isso que o senhor está dizendo — a espartilho.

RAPOSO — Mas espartilho é coisa "chic", criatura! Tôdas as mulheres da cidade usam.

JURITI — Isso são elas lá da cidade. Aqui no sertão não há disso. Se eu, para ter o meu corpo bonito, precisasse apertar-me em espartilho, eu tinha até vergonha de mim mesmo. Eu só conheço um espartilho.

RAPOSO — Qual?

JURITI — Os braços do meu noivo.

JUCA — E tu amas mesmo o Graúna?

JURITI — E o senhor pensa que não? Pois se êle é meu noivo!

JUCA — Isso é que não tem importância. Não haverá, nesse coração, um cantinho para outra criatura que não seja o Graúna?

JURITI — Não. Nem pode haver.

JUCA — Só amas, portanto, o Graúna?

JURITI — (Com firmeza.) Só! Só! Só! (Nêsse momento, precisamente nêsse momento, ouve-se ao longe a voz do:)

CORCUNDINHA — (Cantando fóra.)

Ai que sorte a minha sorte  
De querer quem não me quer,  
Eu tenho o frio da morte  
No calor de uma mulher.

JURITI —

Quanta aflição!  
Quanto amargor!  
Ao coração  
Traz-me êsse amor.

(Ao ouvir a voz de Corcundinha Juriti transmuda-se. Vão-se-lhe a vivacidade a facei- rice. Tôda ela está comovida. Juca e Raposo fitam-n'a à proporção que ela se vai transmudando. Ela encosta-se a uma árvore, dolorosamente.)

JUCA — (Depois de terminado o canto.) É o Corcundinha, não? O que morre de amor por ti?

JURITI — (Ainda comovida.) Um infeliz, coitado! Isso me corta o coração.

RAPOSO — (Baixo a Juca.) Com esta não arranjaremos nada.

JUCA — (Baixo a Raposo) Porque?

RAPOSO — (Baixo a Juca.) Porque tem alma.

JUCA — (Baixo a Raposo.) Não te iludas. Amanhã ou depois será nossa.

## CENA XV

(Os mesmos, Major, Fogueteiro, Vigário, Canuta, Bibina, Matutos, Matutas)

FOGUETEIRO — (Entrando afoitamente.) A Filarmônica já vem, seu Juca! Está lá na porta do coroné Cutrim, já formada. (Entram Matutos e Matutas alegremente.)

1.<sup>a</sup> MATUTINHA — (Muito alegre, ofegante.) Povo assim! Está preto de gente. Um mação de foguetes, assim, dêste tamanho!

MAJOR — (Que vem entrando com Vigário, Canuta, Bibina e Graúna.) Agora, minha gente, vocês vão começar a brincar de verdade. (Juriti está ao lado de Graúna, mostrando-lhe o lenço de sêda vermelha.) Juriti vem cantar qualquer coisa p'r'os doutores ouvirem. Canta aquela cantiguinha — o foguinho. (Todos pedem que Juriti cante. Trazem-n'a para a cena baixa.)

JURITI — (Cantando e dançando.)  
Meu amor vive nos ares

— Seu bem —

Tal e qual um passarinho:

Vôa aqui, vôa acolá,

— Seu bem —

Vai andando o seu caminho.

(Côro repete)

Acendendo o fogo

Fogo — foguinho

Meu amor nasce das flôres

— Seu bem —

Em figura de um raminho,

Cheira aqui, cheira acolá,



— Seu bem —

Vai andando o seu caminho

(Côro repete)

Acendendo o fogo

Fogo — foguinho.

### CENA XVI

(Os mesmos, Cutrim, D. Faustina, Cabo, a Filarmônica Lira de Prata, Povo, Garotos, etc.)

(Fora estalam foguetes, berram-se vivas ruidosos ao Dr. Juca Fulgêncio. A "Filarmônica Lira de Prata" entra tocando uma marcha, com grande estrondo de metais. Ao entrar a banda, o povo, aos vivas, invade a cena. Dois molecotes sobraçam foguetes. Gritam-se vivas à "Filarmônica Lira de Prata". O Cabo dirige a banda falando, mandando que êste ou aquê le instrumento se faça ouvir. Atrás de tudo, depois que a banda faz as evoluções, vem o Coronel Cutrim e D. Faustina, ambos em roupas de ver a Deus. Só depois que o Cabo manda a música parar é que fala o Coronel.)

CUTRIM — (Áspero, com ênfase, em tom de discurso, Seu Major Fulgêncio: eu quis, com esta manifestação, provar ao senhor que eu não sou irvejoso, como o senhor diz. Aqui estou eu, aqui está a mana Faustina, aqui está a "Lira de Prata", aqui está o meu partido, aqui estamos todos nós, que viemos participar da alegria do senhor por ter formado ao seu Juca.

MAJOR — (Interrompendo-o, com aspreza.) Seu Juca, não senhor. Dobre a língua — doutor Juca! Respeite o pregaminho.

CUTRIM — (Superiormente.) Desculpe.

MAJOR — (Senhorilmente, para diminuir Cutrim.) Ahn! Conheceu! Conheceu a fôrça! (Daqui por diante a cena deve ser muito mexida, muito agitada.)

CUTRIM — (Já zangado.) Conheceu o que? Diga. Que fôrça é?

MAJOR — (Agressivo) Conheceu a fôrça do partido Liberal, não? Agora confesse — está com medo. Veio cumprimentar meu filho doutor porque está com medo do baque. Você não dizia que meu filho não se formava? Aí está êle formado! Agora diga que êle não é doutor.

VIGÁRIO — Mas seu compadre... Isso é maneira de se receber uma visita?

CUTRIM — Veja, seu Vigário. Eu bem não queria vir. O senhor é quem me faz passar por esta. Faço uma delicadeza e sou recebido assim.

MAJOR — (Absolutamente agressivo.) Eu não pedi que você viesse cumprimentar meu filho. Você veio de apresentado.

JUCA — Meu pai que é isso?

CUTRIM — (Fóra de si, para o Major.) O que você é, é um estúpido, um animal!

MAJOR — (Para brigar.) Repita! Repita se fôr capaz. (Avança um para o outro. Canuta e Bibina procuram conter o Major.)

CANUTA — Seu Fulgêncio!

BIBINA — Papai! Papai!

FAUSTINA — (Agarrando Cutrim) — Mano, não se desgrace!

CABO — (Para os músicos, com a macêta do bombo.) Toca a música! Toca a música! (A música toca quatro ou cinco compassos.)

VIGÁRIO — (Desolado) Eu queria que vocês fizessem as pazes e vocês principiam brigando!

MAJOR — Foi aquê le atrevido que me provocou!

CUTRIM — Foi aquê le bruto que me insultou! (Em altas vozes avança um para o outro. Há uma grande confusão de gente brigando. O grupo do Major Fulgêncio ataca o grupo do Cutrim. O de Cutrim, o de Fulgêncio e isso ao som da banda de música do Cabo. Quando termina o rôlo, o chapéu do Vigário está na cabeça de Fulgêncio, o chapéu de Fulgêncio está na cabeça de D. Faustina, e o lenço vermelho de Juriti está no ombro do Cabo.)

CABO — (No meio do barulho.) Toca a música! Toca a música!

CUTRIM — (Para a sua gente, logo que a música cessa.) Pessoal, volta tudo pra casa! Deixem êsse estúpido com o fio dêle.

MAJOR — (Atalhando-o) Filho dêle, não senhor! Doutor Juca! Respeite o pregaminho! Dobre a língua!

CUTRIM — (Para a sua gente.) Cabo, toca pra fóra! (Grande confusão. D. Faustina continua a gritar nos braços do Raposo. A gente do major contém as arremetidas dêste, a gente do Cutrim as de Cutrim. Êste e Fulgêncio insultam-se. A música vai saindo numa marcha ruidosa. O povo de Fulgêncio grita morras ao partido Conservador e vivas ao partido Liberal, o povo de Cutrim grita morras ao partido Liberal e vivas ao Conservador.)

CUTRIM — (Saindo) Estúpido!

MAJOR — (Vitoriosamente) Conheceu a fôrça!

(A confusão continua. Muitos gritos. Vêm-se os últimos músicos saírem, soprando desesperadamente os instrumentos e)

CAI O PANO

FIM DO 1.º ATO



## SEGUNDO ATO

(CENÁRIO: — Largo da igreja da Vila. O cenário deve ser de grande esplendor: morros riscados de caminhos tortos ondulando a perder de vista, com casinholas, árvores, vegetação luxuriante. Os morros do 1.º plano são praticáveis, e por eles descem matutas e matutos, cantando. A D. igreja com a sua pequena torre, o cruzeiro com pedestal à frente, árvores vistosamente floridas. Bancos tócos junto às árvores. Todo o cenário é o pátio do templo. Clara manhã de dia de festa. Alegria festiva do povo. Sinos chamando os matutos para a missa de São João.)

(Antes de subir o pano ouvem-se repiques de sinos e o canto do povo que desce os morros. Pano em cima, o povo vai entrando em cena com ramos de flôres e se dirige à Igreja.)

MATUTOS e MATUTAS — (Descendo os morros e cantam.)

De longe vimos  
Por devoção  
Trazer louvores  
A São João

Mais luz existe  
Pela amplidão  
Por êste tempo  
De São João.

Serras, campinas  
Dêste sertão  
Tudo revive  
Pelo São João.

(Entram carros de bois, entram ranchos de raparigas, que penetram na igreja.) (Juca e Raposo descem dos montes e entram em roupas de caça, espingardas, aves nos sacos.)

## CENA I

(Juca e Raposo.)

RAPOSO — Há um tom de alegria em tudo isto.

JUCA — É a clássica, a decantada alegria sertaneja da manhã de São João. É a alma da gente emprestando alegria à alma das coisas.

RAPOSO — Ou a alma das coisas emprestando alegria à alma da gente.

JUCA — Seja o que fôr. O que é certo é que há qualquer coisa de impressionante no céu e na terra. Parece que hoje a natureza acordou de toilette nova. Há um tom de riso e frescura em tudo. As árvores parecem mais verdes; a gente mais alacre e mais expansiva. É o S. João da roça. Ouvem-se violas e cantos por toda a parte. Olha ali. Vê como

os caminhos estão cheios de sons e risos. Olha aquêlo bando de moças que vem descendo aquêlo morro.

RAPOSO — Tem a sua poesia.

JUCA — Certamente. É a poesia primitiva, a poesia simples do sertão.

JURITI — (Cantando fora.)

De alegria fico prêsa

Quando o dia é claro assim,

Sinto tôda a natureza

A cantar dentro de mim

(Desde os dois primeiros versos aparece Corcundinha, ouvindo enlevadamente.)

CORCUNDINHA —

Só meu peito não conhece

A claridade do dia

A noite que me escurece

Escureceu-me a alegria.

JUCA — (Para Raposo) Esse é o Corcundinha, o que morre de amor pela Juriti. Olá, Corcundinha! Vens também à missa de São João? Vens pedir a Deus por ela, pela Juriti?

## CENA II

(Os mesmos e Corcundinha.)

CORCUNDINHA — Só por mim. Ela já é do céu.

JUCA — (Troçando) Vens então pedir a Deus um par de asas para subires ao céu em que ela vive?

CORCUNDINHA — Venho pedir a Deus que me agasalhe nas asas dela.

RAPOSO — (Troçando) Isso é que é ternura.

CORCUNDINHA — Isso é que é amor.

JUCA — Queres então casar com a Juriti?

CORCUNDINHA — Não. Quero amá-la toda a vida.

JUCA — Mesmo assim, despresado?

CORCUNDINHA — Não há fogo que faça o ferro ficar em cinzas.

JURITI — (Cantando ao longe) Sou morena, sou roceira, etc.

JUCA — É ela!

CORCUNDINHA — (Emocionado) É ela! (Sober, como para ouvir melhor.)

JUCA — (À Raposo.) A Juriti vai em caminho da feira. Vamos vê-la?

RAPOSO — Como quiseses. (Para Corcundinha.) Não queres ir conosco ver a Juriti?

CORCUNDINHA — Quem sou eu para andar com os doutores?

JUCA e RAPOSO — (Saindo) Até logo! Até logo! (Corcundinha vai entrar na igreja, mas não tira os olhos de Juca e Raposo, que se afastam. E acompanhando-os com o olhar,



acompanha-os com os passos de longe, sorrateiramente e sai depois que eles saem. Entram carros de bois, e matutos e matutas saltam dos carros e encaminham-se para a igreja. Os sinos tornam a tocar.)

### CENA III

(Major, Canuta, Bibina e Cota.)

MAJOR — (Que vem entrando acompanhado dos personagens citados.) (Vem falando de fóra.) Não é possível, não é possível! O coronel Cutrim não tinha topete para fazer isso. É um abuso. Mas é preciso calma, muita calma.

COTA — Eu vi, seu major. A feira estava assim de soldado, para impedir que a tal Sofia, a mulher dama, entre lá.

MAJOR — Calma, calma! Já mandei Zé Fogueteiro ver se é verdade. (Violento) Porque, se fôr verdade que o coronel Cutrim mandou o destacamento para a feira a fim de impedir que a mulher dama entre lá, dou hoje um estouro nesta vila que tudo cheira a enxôfre. Não conheço essa tal Sofia, mas eu sou pelo direito.

BIBINA — Papai o que deve é botar o Juca em cima do coronel Cutrim.

MAJOR — Minha filha, eu já te tenho ralhado. Porque é que só chamas Juca? Não está direito. O rapaz é doutor. Respeite o pregaminho.

CANUTA — Mas você quer mesmo que Bibinha tenha cerimônia com o irmão dela.

MAJOR — Lá vem besteira, lá vem! Mas então eu gasto um dinheirão em formar o rapaz, p'ra êle ser Juca?! Dr. Juca! A justiça deve começar por casa. Como é que eu chamo o Juca? — Meu filho doutor. Precisas te acostumar minha filha. Chame assim: — meu irmão doutor. É tão bonito.

CANUTA — Seu Fulgêncio agora por qualquer coisinha se zanga. Anda frenético.

COTA — Quem sabe se não é saudade da côrte, saudade das coisas bonitas que viu lá. Hein, seu major? V.S. viu muita coisa bonita mesmo, não foi?

MAJOR — Se vi?! Ah! minha gente! Um dia eu quero me assentar de propósito só para contar a vocês o que é o Rio de Janeiro. Terrão! Terrão! Tem cada sobradão!... E as igrejas!

COTA — Umas brutas, não?

MAJOR — Um despotismo! Uma coisa desconforme! Cada bruta que a gente se perde dentro. E os santos?! Cada santo que é um monstro, grandalhão, do tamanho de um homem.

BIBINA — Maior que o Chico Biriba, papai?

MAJOR — Muito maior! O Chico Biriba perto deles é criança. (Noutro tom.) Olhem, uma vez meu filho doutor me levou lá numa casa. Da porta a gente só ouvia o zum-zum, o barulho. Entramos. Tinha uma porção de bancos, uma porção de cadeiras, um bandão de gente, tudo engravatado, de fraque. E que gente danada! Que confusão, minha gente! Um corria p'ra cá, outro p'ra alí, outro p'ra acolá. Um dava um murro em cima da mesa, outro atirava com livros, outro com o tinteiro. Um cidadão berrava na cara do outro: — “Você é um canalha!” — Aquêle cidadão berrava no focinho do outro: — “Você é um bandido! Patife! Patoteiro, gatuno, ladrão!”

COTA — Casa de doidos?

MAJOR — Não. Era... era a Câmara dos Deputados. (Outro tom) Outra coisa que eu vi foi... foi... Não me lembro do nome. (Lembrando-se:) Ah, automóvel.

CANUTA — Que coisa é essa?

MAJOR — (Cantando)  
Automóvel, minha gente,  
Oçam bem a explicação:  
É um ser de quatro rodas

Que anda correndo no chão.  
Por detrás bota fumaça,  
Pela frente faz-fão-fão

Anda correndo sozinho...  
É certo, não é chalaça,  
Não tem cavalo nem burro,  
Nem ninguém que fôrça faça,  
Funga na frente a buzina,  
Por detrás bota a fumaça:

Quando o bicho destabóca  
Pelas ruas a correr,  
Corre môça pra janela.  
Menino corre pra ver.  
Mas se alguém corre pra frente  
Se arrisca logo a morrer!

### CENA IV

(Os mesmos e Fogueteiro.)

FOGUETEIRO — (Entrando afoitamente)  
— Seu Major, seu Major! É verdade mesmo! Está assim de soldado na feira. Perguntei ao Cabo o que era aquilo e êle me respondeu que era p'ra a mulher dama não entrar. Disse que era ordem de D. Faustina e do coronel Cutrim.

MAJOR — De D. Faustina? Do coronel Cutrim? Não admito! A mulher há de entrar na feira porque eu quero. Eu é que sou o pre-



feito. Sempre foi o prefeito quem mandou na feira aqui e em tôda a parte — na Europa, França e Bahia. Volta, Fogueteiro: vai dizer ao Cabo que eu ordenei que êle venha aqui com todo o destacamento. (Fogueteiro sai.) Hoje vai haver muito sangue nesta vila, minha gente!

CANUTA — Não se zangue assim, seu Fulgêncio.

MAJOR — Lá vem besteira! Pois se estão invadindo a minha autoridade de prefeito! Mas cala essa bôca, deixa-me sòzinho. (Impelindo Canuta e Bibinha para a igreja.) Vão, vão, que a missa não tarda a começar. Deixa-me, sòzinho. (Canuta e Bibina entram na Igreja.) Vê tu, Cota, quanta coisa aparece para aborrecer a gente.

### ... CENA V

(Major e Cota.)

COTA — Seu Fulgêncio, siga o conselho de D. Bibina. Bote o Dr. Juca em cima do coronel Cutrim.

MAJOR — Não, não, a questão é comigo. Meu filho doutor é rapaz, quer se divertir, está lá para se aborrecer!

COTA — Que êle gosta de se divertir é verdade mesmo. O môço é pândego. E veja, seu Major, esta gente daqui é uma gente faladeira.

MAJOR — Que é que êles andam dizendo?

COTA — Uma porção de coisas do Dr. Juca com a Juriti.

MAJOR — Ah! Já estão com mexerico com meu filho doutor?! Eu não quero isso. Juriti é menina séria, tu bem sabes, tu a criaste. Se fôsse com outra, eu não duvidava. Não duvidava, porque o Juca não é brincado, Cota! Dize a essa gente por aí que se precavenha. O rapazinho é danado. Eu não me responsabilizo por filha de ninguém. Quem tiver sua filha virgem que cuide dela. (Entra Guariba.)

### CENA VI

(Os mesmos e Guariba.)

GUARIBA — Seu Major, eu preciso falar muito com V.S.

MAJOR — (Fugindo de Guariba) Que é que tu queres, Guariba? É alguma questão? Tu só vives fazendo barulheira. Agora eu não posso resolver nada. Estou muito atrapalhado com uma questão minha.

GUARIBA — Não é coisa difícil, não senhor, é uma questãozinha que eu tive. Seu Major me ouça. Uma comparação: Imagine

seu Major que seu major é uma cabra, e eu sou um bode. Um dia nasce uma cabrita. De quem é a cabrita?

MAJOR — (Com segurança.) Minha?

GUARIBA — Não pode ser.

MAJOR — Pois se a cabra sou eu!

GUARIBA — Mas eu sou o bode, seu Major. O filho tem que ser meu.

MAJOR — Lá vem besteira!

GUARIBA — (Tom desgostoso) Seu Major assim não defende os amigos, os seus correligionários...

MAJOR — Mas que aconteceu? Tu não contaste nada.

GUARIBA — A questão é esta! Eu tinha um bode lá no meu terreiro. Um dia apareceu uma cabra do Zé Codó. Ao depois nasceu uma cabrita. Zé Codó agora diz que a cabrita é dêle. Não pode ser.

MAJOR — Porque tu não falaste logo que a questão era contigo e Zé Codó? Zé Codó é um canalha, é lá do partido do Cutrim. Tu não, tu és Liberal corregilionario. (Depois de uma ligeira meditação.) Dize-me uma coisa, não havia outro bode na vizinhança? (Negativa de Guariba.) Pois então a cabrita é tua.

GUARIBA — Como Zé Codó não quisesse me entregar a cabrita eu, pum! papoquei uma carga de chumbo nela.

MAJOR — Fêz bem! Isso é que é direito: E Zé Codó o que fêz?

GUARIBA — Pum! Papocou outra carga de chumbo no meu bode.

MAJOR — Chumbou teu bode? É um absurdo! Êle há de pagar.

GUARIBA — Eu fui me queixar ao Coronel Cutrim e o coronel disse que o Zé Codó é quem tem razão.

MAJOR — Cutrim não sabe o que é justiça. Zé Codó há de te pagar, porque senão eu estoiro. (Sai Guariba.)

### CENA VII

(Os mesmos, Fogueteiro, Cabo, o Destacamento e pessoas do povo.)

FOGUETEIRO — (Entrando afoitamente.) Seu Major, seu Major, o Cabo vem aí! (Ouvem-se sons de corneta.) Vem com todo o destacamento. Soldado assim!... (Sons de corneta. Cabo entra, com o Destacamento.)

CABO — (Cantando e fazendo evoluções com o Destacamento.) — Saia o povo do caminho, Queira a gente se afastar, Ninguém faça borborinho Pois que a tropa vai passar. Rataplan-plan-plan. (Côro repente) Não me pisa lá na feira Mulher dama esta manhã



Ninguém brinque, ninguém ria,  
Ninguém solte gargalhada,  
Eu sou Cabo de arrelia  
A arma trago engatilhada,  
Pum-pum-pum, pum, pum!  
Se duvidam do meu braço,  
Mato todos um por um. (Para os soldados.)  
Batalhão! Meia volta! Direita! Frente! Alto! Pronto, seu Major.

MAJOR — Que história é essa? Que foi você fazer lá na feira?

CABO — Proibir que a Sofia, a mulher dama, lá penetre. Ordem do coronel Cutrim.

MAJOR — Pois você vai voltar já com o destacamento.

CABO — Isso não, seu major. Já estou comprometido. Prometi a D. Faustina que a mulher dama não entrava na feira e ela não entra lá nem que eu morra esfolado.

MAJOR — Mas, D. Faustina é autoridade nesta terra?

CABO — Seu Major me ouça. Eu gosto de D. Faustina, ela gosta de mim. O que ela me manda fazer, eu faço. Seu Major sabe, quem fala agora, é o órgão visual do coração...

MAJOR — (Autoritário) Pois volte já e já. (Para os soldados.) Meia volta p'ra trás.

CABO — (Tolhendo-o nos passos) Não faça isso, seu major. Não desmoralize a minha autoridade. Eu prendo V.S.

MAJOR — (Surpreendido, violento) Hein? Você me prende. Você falta com o respeito a um major, Cabo?! Esteja prêso. Vai buscar a minha farda lá em casa, Cota. (Para Fogueteiro e dois homens do povo que aparecem.) Prendam o Cabo!

CABO — (Tirando a espada.) Alto! A autoridade aqui sou eu! (Eles recuam.)

MAJOR — Corre, Cota, vai buscar a minha farda! (Outro tom) Considere-se prêso! (Aos soldados) Voltem! (Os soldados, atendendo aos sinais do Cabo, não obedecem.) Então vocês não me atendem?! Pois vou juntar a minha gente, o meu partido. Fogueteiro. Vai chamar a cabroeira! (Fogueteiro sai.) Hoje corre muito sangue nesta vila! Vamos, pessoal, eu vou lá em casa vestir a minha farda! (Sai com Cota e os dois homens.)

CABO — (Para os soldados) Bataião! Meia volta! A dois formar, marche! (Sai com os soldados, tocando corneta.)

## CENA VII

(Juca e Raposo.)

JUCA — (Entra com Raposo e, conversando, os dois se sentam.) É absolutamente aris-

ca a Juriti. Tem um jeitinho de escapular, um jeitinho de desviar as conversas. Quem que havia de dizer!

RAPOSO — E tu que afirmavas que ela era facilima. Não fôsse ela Juriti. É mais esparta que o caçador. Nunca se colocará ao alcance da tua espingarda.

JUCA — Nunca — é exagêro teu. Eu acabarei vencendo-a. Outras mulheres não me têm resistido, quanto mais uma matutinha.

RAPOSO — Eu não te queria dizer, mas o que me parece é que estás levando fama sem proveito. Já falam de Juriti contigo. E a culpa é tua. Sim, porque, quando te perguntam alguma coisa a êsse respeito, pões-te em sorrisos, meias palavras, silêncios que não a entender amores. Fazes mal. A Juriti é noiva...

JUCA — Isso não tem importância. Fala-se de tudo na roça. Já vivem a dizer que te vais casar com D. Faustina. Já me afirmaram que o Cabo te quer enterrar uma faca dêste tamanho na barriga.

RAPOSO — (Escandalizado) A Faustina, a irmã do Cutrim! A velhota que me manda recados e flôres?!

JUCA — Justamente. (Outro tom) E a Sofia? Dize-me como te fôste ontem à noite?

RAPOSO — Mal. Não lhe pude entrar em casa. A Bonifácia, a criada de D. Faustina, plantou-se no canto da rua e eu tive acanhamento de entrar. Irei hoje.

JUCA — Hoje é impossível. É dia de São João. Como ontem, haverá uma fogueira em cada porta. O amor fácil, no sertão, meu velho, é o mais difícil. (Entra Sofia) Sofia!

## CENA VIII

(Os mesmos e Sofia.)

RAPOSO — Viva! Vens também à missa?

SOFIA — Foi bom encontrar-me com vocês. Pois não é que o idiota do delegado mandou impedir que eu entrasse na feira?!

JUCA — Que estás dizendo?!

RAPOSO — É uma violência.

SOFIA — Nem me passava pela cabeça ir hoje à feira. Agora, por teimosia, quero ir. Ora, vejam vocês que matutos idiotas! Esta gente aqui, não sabe que eu sou doida, Raposo. Quero encontrar-me com o delegado, esse tal Cutrim. Já me disseram que é a tal D. Faustina que anda enciumada comigo por tua causa, Raposo. Encontrando-os faço uma estralada.

JUCA — Deve ser interessantíssimo, a Sofia a brigar com o Cutrim, com a D. Faustina, com o Cabo, etc. Deixemo-la fazer a estralada, Raposo. Deve ser divertido.



SOFIA — E faço mesmo. Vocês bem sabem que eu não me meto com pessoa alguma. Vivo em casa, não saio, não passeio, a não ser uma manhã ou outra na feira. A não ser vocês dois, ninguém mais me entra em casa. Vivo doida para que o meu amante chegue e eu me vá embora. Ninguém tem que meter-se com a minha vida. (Outro tom. A Raposo.) E porque não foste ontem à noite lá em casa?

JUCA — Mêdo.

RAPOSO — Mêdo da língua do povo. Espiavam-nos.

SOFIA — Perdeste muito...

RAPOSO — Que tinhas para mim?

SOFIA — (Canta)

Eu tinha para o teu gôzo  
O meu seio capitoso,  
O meu beijo, o meu amor. ...

RAPOSO —

E eu sem dormir um instante  
No desejo flajelante  
De dormir ao teu calor

SOFIA —

A minha carne trigueira  
Desejou-te a noite inteira,  
A noite inteira te quis,

JUCA —

Se eu fôsse assim desejado  
Eu punha o mundo arrazado  
Mas te fazia feliz

RAPOSO —

Se eu soubesse o teu anseio  
Ia acalmar o teu seio,  
Sufocar o teu vulcão...

SOFIA —

O desejo que me atiga!  
Como a chama insubmissa  
Se morre extinto o mórão.

JUCA —

Eu te apagava os desejos  
Com três ou quatro mil beijos...

SOFIA —

Gôta d'água para um mar  
Nêsse mar encapelado

RAPOSO —

Ninguém pode andar a nado...

SOFIA —

Só se não souber nadar...

(Falando) Agora vou em casa pôr alguma coisa à cabeça e toco para a feira. Isso para danar o tal Cutrim e a tal Faustina. Esperem-me. Volto já. (Sai)

## CENA IX

(Juca, Raposo e Juriti.)

JURITI — (Que desceu alegremente dos morros ao F.) Bom dia, doutores! Foram à

caça? Aposto que não mataram uma marrequinha, ao menos.

JUCA — Matamos até uma juriti. Vê.

JURITI — (Penalizada) Que judiaria! Matar a pobre bichinha, coitada! Talvez até fôsse noiva.

JUCA — (Rindo-se) Noiva?

JURITI — (Cândidamente) Sim. Os passarinhos também se gostam. Escutem: eu tive duas rolinhas; uma delas morreu e a outra foi ficando triste, triste, e um dia morreu também. Elas têm coração como nós.

JUCA — (Intencionalmente) E as juritis também têm coração?

JURITI — De certo. São viventes como nós, sentem como nós sentimos.

JUCA — Pois eu conheço uma juriti que não tem coração. Há 20 dias que lhe venho pedindo um cantinho no ninho de seu peito e, até hoje, nem promessa.

JURITI — É porque talvez o doutor já tivesse encontrado o ninho ocupado. As juritis fazem um ninho só para tôda a vida.

JUCA — Mas será mesmo possível que tu ames êsse teu noivo, o Graúna? Não creio.

JURITI — Não crê, porque?

JUCA — Porque ninguém pode acreditar, — (não é verdade, Raposo?) que uma criatura da tua beleza, da tua graça, do teu encanto, te venhas um dia entregar a um matuto, a um vaqueiro. Em tudo és delicada, em tudo. Até a tua profissão — fazer renda, é de alta delicadeza. És para ser amada por um môço da cidade.

JURITI — Por um môço da cidade? Pelo Sr.? Pelo Sr.? O doutor é do sertão e não conhece os sertanejos. Nós, aqui, queremos lá saber de vocês! Então a gente ama é por causa da roupa bem feita, da camisa engomada, do sapato fino, da gravata?

RAPOSO — Porque se ama? Dize.

JURITI — E eu sei?! E há quem saiba? Não sei bem o que é. É uma coisa que eu sinto, mas que não consigo dizer. A gente ama é o que tem vida, o que tem coragem, o que tem saúde, o que tem fôrça. Não sei bem o que é. Mas é uma coisa que os senhores da cidade não têm. (Movimento dos dois.) Não têm mesmo. Vocemecês são lá homens? Se apanham uma queda, adoecem, se apanham um chuveiro, vão para a cama. Nós aqui nos rimos da gente da cidade.

RAPOSO — E o teu Graúna possui tudo isso que nos falta?

JURITI — Se possui?! O Sr. já viu o Graúna, no campo, trabalhando o gado? Já viu o Graúna atrás de um garrote por êsses chapadões sem fim? Ah! não parece homem, parece um raio. O garrote desemboca ali e êle desemboca o cavalo atrás. Parece uma



flecha correndo atrás de outra flecha. O bicho afunda nas grotas e êle afunda com o bicho. O garrote espirra adiante, êle espirra atrás do garrote. O danado mergulha nos cipois, o Graúna mergulha também. Não se vê mais nada. É só galha estalando, espinhos e lascas voando para o ar. O garrote vai na frente, o Graúna atrás. Há um pau no caminho: o garrote passa por baixo, o Graúna pula por cima. Quando se olha para riba do morro lá vai o Graúna nas quebras do garrote. Só se vê o laço vaqueiro rodando assim, assim, no ar, como se quisesse laçar o céu. Lá adiante o garrote tropeça: o Graúna pegalh'o pela cauda, torce-o, vira-o de chifres para terra. Laça-o e trá-lo para o curral como se traz um bezerrinho. Ah! isso é que é homem! (Juca e Raposo ficam de cabeça baixa como que dominados. Juriti, num ar de pouco caso, fita-os.)

RAPOSO — (Depois de alguns momentos) Diante disso, Juca?

JUCA — Diante disso, vamos à casa mudar de roupa para virmos à missa de São João. (Cada um dêles lança ao sair um olhar a Juriti. Ela olha-os com ar de pouco caso. Eles saem. Ouve-se o canto do Graúna ao longe.)

### CENA X

(Juriti, Graúna e Corcundinha.)

GRAÚNA — (Cantando fóra.)

Há três dias, na chapada,  
Ando o gado a campear,  
Eu só vejo minha amada  
Refletida no luar (Entra a cavalo.)  
Tivesse as penas do bem-te-vi  
Voava em busca da Juriti. — (Apeia-se)

JURITI —

Só por ouvir o teu canto  
A minh'alma estremeceu,  
Eu vivo do teu encanto  
Como tu vives do meu  
Tivesse as asas da juriti  
Andava sempre junto de ti.

CORCUNDINHA — (Passando no morro)

Sou como a pedra rolada  
De morro em morro a rolar  
Minha vida abandonada (Bis)  
Não tem onde repousar. (Bis)  
Tivesse as asas do colibri  
Vivia em roda da Juriti.

(Graúna e Juriti ouvem-no, abraçados. Ele desaparece. Juriti fica suspensa, comovida e triste.)

GRAÚNA — (Para Juriti) A tua mão está tão fria.

JURITI — É que, quando eu vejo o Cor-

cundinha, sinto uma coisa no coração, uma pena, uma dôr.

GRAÚNA — Coitado! Êle é tão infeliz.

JURITI — (Ainda emocionada) Tão infeliz...

### CENA X

(Os mesmos e Sofia.)

SOFIA — (Entra alegremente, com um lenço vermelho à cabeça, gritando desde fóra.) Raposo! Juca! (Ao dar com Juriti e Graúna, surpreende-se.) Não estavam aqui dois moços?

JURITI — O Dr. Juca e o Dr. Raposo? Já se foram.

SOFIA — Obrigada. (Sai.)

JURITI — (Para Graúna.) Essa é que é a mulher que veio atrás do engenheiro do telégrafo. Viste que ela tem um lenço igual ao meu? (Repicam os sinos da igreja. Ouvem-se cantos lá dentro.)

CÔRO — (Dentro da igreja.)

Eterno Deus de bondade,  
Deus de glória, Deus clemente,  
Baixai à nossa humildade  
Vossa graça onipotente!

JURITI — Já começou a missa, vamos para a igreja. (Enquanto os sinos repicam e vêm sons do interior do templo, Juriti ajoelha-se e reza. Atitude respeitosa e contrita de Graúna. Ambos entram na igreja.)

### CENA XI

(Faustina, Cabo e Bonifácia.)

(Entram conversando.)

FAUSTINA — O major Fulgêncio não manda nada. Quem manda é o mano, que é o delegado, a maior autoridade aqui da vila.

CABO — Mas eu apliquei energia. Não deixei voltar o Destacamento. Lá está êle na feira.

FAUSTINA — Fêz você muito bem. Se a tal Sofia quiser entrar na feira — prenda-a! Ah! eu estou doida para ver a tal mulherzinha prêsa. Pois não é que ela vive a dar escândalos com o Dr. Raposo! Isso me faz uma gastura. (Cabo transforma-se) Que é que você tem, Cabo?

CABO — Eu quero ter uma conversa com a senhora, em particular. Nós precisamos nos entender.

FAUSTINA — (Faceira) Xentes! Que é que você quer comigo, Cabo? (Noutro tom) Vai, Bonifácia, vai me esperar lá dentro, na igreja. (Bonifácia entra na igreja.) Que é que você quer, Cabo?

CABO — A senhora acaba me pondo a perder!



FAUSTINA — Porque?

CABO — A senhora me anda aqui de namoro com o Dr. Raposo.

FAUSTINA — Eu? Ele é que me namora. Ele é que me manda flôres, recados, bilhetes. Ainda ontem me mandou uma carta com um coração atravessado por uma flecha.

CABO — Carta com um coração atravessado por uma flecha? Pois fique a senhora sabendo que eu acabo derramando muito sangue nesta vila. Já comprei uma faca e mato o Dr. Raposo.

FAUSTINA — Por que que você se zanga, Cabo? Eu não gosto dêle. Eu gosto é... é...

CABO — Diga.

FAUSTINA — É... é... Eu tenho vergonha de dizer.

CABO — Diga, sem vergonha.

FAUSTINA — Do Cabo.

CABO — De mim! Meu Deus! Como músico ou como cabo?

FAUSTINA — Como músico! Ah! Cabo! Quando você suspende a macêta do bombo!

CABO — (Canta)

Parece um sonho a certeza  
De que me queres, Faustina,  
Sinto uma fome canina  
Ao ver-te a mim assim prêsa...  
Parece um sonho a certeza  
De que me queres, Faustina.

FAUSTINA —

É teu feitiço, malvado,  
A macêta do teu bombo,  
Eu sinto um frio no lombo  
Um formigar no costado  
É teu feitiço, malvado,  
A macêta do teu bombo.

FAUSTINA — Eu sinto uma coisa aqui por dentro, no coração, a remexer, uma gastura... uma agonia... (Com grande expressão.) Ah! Cabo, você é o demônio! Que será isso, Cabo?

CABO — (Avançando.) É amor. E do bom. Meu Deus! Meu Deus! (Tenta abraçá-la.)

FAUSTINA — (Fugindo) Comporte-se.

CABO — E você acha que um homem pode comportar-se diante da sua formosura?

FAUSTINA — (Com um suspiro.) Assim dizia o meu defunto marido. Mas a gente se contém, Cabo. (Os sinos tocam. Ela benze-se.) Que pecado! A gente aqui a se namorar e a missa lá dentro da igreja. Vou rezar. (Entra a correr na igreja.)

## CENA XII

(Cabo e Sofia.)

CABO — (Que ficou enlevado.) Faustina! Faustina! (Sai como que a correr atrás de

Faustina, mas ela já entrou na igreja. Nêsse momento Sofia vem entrando. Ele esbarra com ela.) Faustina!

SOFIA — Oh! Você é maluco?

CABO — Maluco, não. Eu sou o Cabo. Vocemecê queira desculpar não foi por mal, não, é que eu pensava que era...

SOFIA — Você é o delegado?

CABO — Não, dona; sou o comandante do Destacamento e sou também mestre da Filarmônica Lira de Prata.

SOFIA — (Aproximando-se) Eu serei algum bicho? Então vocês mandam colocar soldados na feira, para que eu lá não entre?!

CABO — Ah! Não fui eu, não, dona; foi D. Faustina que mandou. E vocemecê sabe: ela mandando, a gente... a gente... tem que obedecer.

SOFIA — (Segurando-lhe no braço e conduzindo-o à extrema esquerda.) Não seja mau! Mande retirar os soldados lá da feira... mande...

CABO — (Tentando fugir.) Olhe, dona, eu tou muito ocupado agora... (Quer escapulir.)

SOFIA — (Impedindo.) Não, não vai... Mande retirar os soldados.

CABO — Dona, eu tenho que ir a feira, que a feira tá desabandonada, não tem lá ninguém.

SOFIA — (Acariciando-lhe a mão.) Não. Faça primeiro o que lhe estou pedindo.

CABO — Chi! É desta vez que eu perco D. Faustina, as posses dela, perco tudo mesmo. Dona, não faça isso, não... olhe, olhe, olhe, tá vendo só? Estou todo arrepiado dêsse jeito!...

SOFIA — (Insistindo nos carinhos.) Vamos, mande retirar os soldados, sim, meu negrinho?

CABO — Espere aí, dona... que tapiação é essa... (Sofia insiste) Tá bão, dona, eu vou mandar retirar os soldados lá da feira... (Arrepende-se) Mas... não pode ser não, dona...

SOFIA — Porque não pode ser?

CABO — Porque assim eu fico desmoralizado diante do Major Fulgêncio.

SOFIA — Ora! O Major Fulgêncio não é gente... Vá (Acariciando-lhe o queixo.) mande... sim? Mande, meu bem...

CABO — Dona, não teime que é mais pior! Quando eu disse que não pode ser, não pode ser...

SOFIA — (Tentadora) Pode sim... pode... pode...

CABO — Não pode... não... (Vencido) Qual, a gente quer fazer fôrça, mas não pode, não... Está bem, dona, vocemecê, pode entrar na feira a vez e hora que quiser... Eu vou mandar retirar o destacamento todo lá



da feira... (Vai a sair) Que mulher danada de bonita!

SOFIA — (Chamando-o) Psiu! Psiu! (Atira-lhe um beijo.)

CABO — Me deixa, dona! (Sai)

### CENA XIII

(Sofia e Major)

MAJOR — (Entra impetuosamente, fardado; como se esperasse encontrar o Cabo.) Agora, canalha, esteja prêso! (Esbarra com Sofia.) V.S. me desculpe. Eu...

SOFIA — O Sr. é que é o delegado?

MAJOR — Cruz! Credo! É lá o Cutrim. Eu sou o major Fulgêncio, o prefeito.

SOFIA — Ah! o pai do Juca?!

MAJOR — O Dr. Juca, sim, senhora. A madama tenha a bondade de respeitar o pre-gaminho.

SOFIA — Está bem. Vamos conversar. Deixe-me consertar a sua farda. (Põe-se a compor-lhe a farda.)

MAJOR — Calma, môça, calma! Não cutuque a gente.

SOFIA — (Mirando-o) O Sr. tem até um corpo bem bonito.

MAJOR — Corpo bonito, o meu? Veja só que malvadeza. (Noutro tom) Não bula comigo, môça. Já estou velho, não presto mais p'ra nada.

SOFIA — Mas o sr. é ainda bem agradável.

MAJOR — Agradável, eu? V.S. está mangando comigo. Não faça isso. Eu estou no ostracismo. Meu partido está por baixo.

SOFIA — Sente-se. (Sentam-se. Sofia fica-lhe por trás com os braços nos ombros.) Porque é que vocês aqui não gostam de mim?

MAJOR — Quem é que não gosta da senhora? (Olha Sofia, ela lança-lhe olhares tentadores.) Ao depois... ao depois... Eu acabo faltando com o respeito à senhora.

SOFIA — Pois vocês mandam postar soldados na feira para que eu lá não entre!

### CENA XIV

(Os mesmos, Cutrim, Zé Fogueteiro e Capangas.)

MAJOR — Foi o canalha do Cutrim. Mas a senhora há de entrar na feira porque eu quero. Já mandei reunir os capangas. (Cutrim vem entrando a caminho da igreja.) Está ali o canalha! Vem cá, bandido! Vem te entender comigo! (Cutrim estaca, Fulgêncio grita para fóra.) Chega, pessoal, chega! O bandido está aqui! (Os capangas invadem a cena agi-

tando cacetes. Fulgêncio para Cutrim.) Vamos lá saber: quem manda na feira?

CUTRIM — (Arrogantemente.) O delegado sou eu.

MAJOR — Mas eu é que sou o prefeito. Mande retirar o destacamento, já.

CUTRIM — Não mando.

MAJOR — Manda, sim, manda!

CAPANGAS — Manda! Manda! Não pode! Pau! (Grande confusão. Barulho.)

### CENA XV

(Os mesmos, Cabo e Destacamento.)

CABO — (Entra com os soldados no meio do barulho.) Que rôlo é êste aqui? Eu prendo tudo.

MAJOR — (Para os capangas) Prendam o Cabo, faltou-me com o respeito! (Capangas avançam para o Cabo. Confusão maior. Ruído entre os capangas, soldados e Cabo.) Prendam! Entregue-se, Cabo! Respeite a minha farda!

CABO — (Para os soldados) Fogo! Fogo! (Soldados vão atirar.)

### CENA XVI

(Os mesmos, Vigário, Canuta, Bibina, Co-ta, Faustina, Juca, Raposo, etc.)

VIGÁRIO — (Surgindo à frente de tôda a gente que está na igreja, surpreendido, zangado.) Que é isto? Que é isto?

JUCA — (Que entrou com Raposo.) Meu pai!

CANUTA — Seu Fulgêncio! (Corre a êle.)

BIBINA — (Agarrando Fulgêncio.) Papai!

FAUSTINA — (Agarrando Cutrim.) Não se desgrace, mano!

VIGÁRIO — (Zangado e avançando.) Vocês outra vez a brigar! E a me interrompem a missa!

MAJOR — (Agitado) Foi aquêle canalha! Invadiu a minha autoridade!

CUTRIM — O policiamento me compete!

MAJOR — Na feira, não. A feira é minha. (A um sinal do Vigário, todos se calam. Êle caminha para o centro da cena.)

FAUSTINA — (No meio do silêncio.) Cabo, dê-me os seus braços que me parece que eu vou desmaiar.

VIGÁRIO — (Depois que se estabeleceu o silêncio completo.) Desta maneira isto não pode continuar. Tudo eu tenho empregado para que vocês façam as pazes. Ou desta vez se tornam amigos ou eu me retiro desta vila.

MAJOR — Eu fazer as pazes com êle? Nunca!



VIGÁRIO — Se assim não fôr, eu irei para outra paróquia. (Silêncio.) Resolvam.

CUTRIM — Por mim já tudo estava acabado. Mas êle me provoca. (Fulgêncio arranca para falar.)

JUCA — (Interrompe-o) Penso como o Vigário, meu pai. Isto não pode continuar. Ou os senhores fazem as pazes ou eu também me vou embora. Volto para o Rio.

BIBINA — (Atemorisada.) Papai ouviu o que êle disse?

CANUTA — (Suplicante) Seu Fulgêncio!

SOFIA — Major, atenda!

MAJOR — Eu? Eu? Que é que tu dizes, Fogueteiro?

FOGUETEIRO — Eu? Nem que me cortassem em pedacinhos. Sou Liberal até de baixo dágua.

MAJOR — E tu, Cota?

COTA — Eu não gosto de dar opinião, mas já que o senhor pede...

MAJOR — Fala, anda!

COTA — É bom acabar com isso. Briga não bota ninguém p'ra frente.

MAJOR — E tu, Juriti?

JURITI — Eu penso como titia Cota.

MAJOR — (Depois de pensar.) Está bem, está bem. Mas eu quero impôr três condições.

VIGÁRIO — Diga-as.

MAJOR — 1.<sup>a</sup> — Que êle mande retirar o destacamento da feira; 2.<sup>a</sup> — que esta môça (Indica Sofia) entre lá quando quiser; 3.<sup>a</sup> — que mande o Zé Codó pagar o bode do Guariba.

VIGÁRIO — Coronel, mande retirar os soldados.

CUTRIM — Cabo, mande o descamento embora.

VIGÁRIO — Está, portanto, tudo acabado. Abracem-se.

MAJOR — E o bode? E o bode?

CUTRIM — O bode não. Quem tem razão é o Zé Codó.

JUCA — Que história é essa de bode?

MAJOR — É o bode do Guariba? Quem vai resolver êsse caso é meu filho doutor.

Êle é doutor de leis e sabe de que lado é que está o direito. (Guariba quer falar, êle atalha, baixo.) Não fala, rapaz — senão a gente perde a questão. (Para Juca) Escuta: uma pessoa tem um bode, outra pessoa tem uma cabra. Um dia nasce uma cabrita. "De quem é a cabrita?" Do dono da cabra ou do dono do bode?

JUCA — Do dono da cabra.

RAPOSO — Partus ventrum serciturum, diz o texto latino.

MAJOR — Não é possível. O dono do bode é o Guariba, o dono da cabra é o Zé Codó. O Guariba é liberal, nosso correligionário. O bode, é, portanto, do partido.

VIGÁRIO — Resolve-se tudo facilmente: eu pago o bode. Está tudo acabado. Abracem-se! (Vacilação de Cutrim e de Major.) Abracem-se!

MAJOR — Isto é apenas paz de indivíduo para indivíduo. Paz de partido, não. (Para Cutrim) Você continua a fazer as eleições na sua casa e eu continuo a fazer as eleições na minha casa.

VIGÁRIO — Abracem-se.

MAJOR — (Caminhando para Cutrim, cantando.)

A terra dá cada passo  
Que é da gente se benzer!  
Eu caindo no seu braço  
Quem que haverá de dizer?!

SOFIA —

O capeta é menos feio  
Do que se pinta e se crê

VIGÁRIO —

Realizou-se o meu anseio

POVO —

Quem que haverá de dizer?!

VIGÁRIO —

Nas campinas e nas serras  
Nova alegria se vê

CABO —

Por haver paz nesta terra

POVO —

Quem que haverá de dizê?!

P A N O

FIM DO SEGUNDO ATO



## TERCEIRO ATO

(CENÁRIO: — O mesmo do 2.º ato, mas visto de ângulo diferente. O que agora se destaca é o terreiro do Vigário com a casa típica de fazenda assomando entre galhos floridos de árvores copadas. A igreja e o cruzeiro aparecem em segundo plano. É noite de São João e tudo brilha ao fulgor das luminárias matutas. Ardem fogueirinhas aqui e ali. Por toda a parte, na fachada da casa, nos arcos de murta, nos caminhos dos muros, na galhada das árvores, balõezinhos toscos iluminam profusamente a cena. Os balõezinhos devem ser em tal profusão que o cenário é uma verdadeira apoteose. O cruzeiro, de alto a baixo, está iluminado com canequinhas de luz.)

(Ao subir o pano há muita gente na casa. Rapazes e raparigas em roda das fogueirinhas, muita alegria, muito movimento.)

## CENA I

(Zé Fogueteiro, Prisca, Cota, Matutos, Matutas.)

CÓRO —

Que claridade  
Ao coração  
Trazem fogueiras  
De São João!

1.º MATUTO —  
No peito dessas morenas,  
No fundo do coração,  
Arde mais fogo que nessas  
Fogueirinhas de São João.

2.º MATUTO —  
Ninguém toque nas fogueiras  
Se não quer queimar a mão  
Ninguém toque nas morenas  
Queimam nosso coração.

2.ª MATUTA — Rufino, vamos pular fogueira? De primo!

1.º MATUTO — Pois sim, vamos.

2.ª MATUTA — (Para o 1.º) Tu queres pular comigo, Bastião? Vais ser meu cravo.

1.º MATUTO — E tu minha cravina.

FOGUETEIRO — (Passeando com um saco de fogo de São João.) Ninguém quer mais traque aí? (O povo cerca-o.) Nada de fiado, nada de fiado. (Para o 2.º Matuto.) Tu já me deves duas patacas. Depois vai-te fazer de esquecido.

3.º MATUTO — (Para o 2.º que traz um tição.) Biné, toca teu fogo aqui no meu traque. (Diversas matutas e matutos no 1.º e 2.º

plano tocam os traques à braza dos tições. Fogueteiro some-se entre o povo.)

1.º MATUTO — (Segura um lenço pela ponta e dá a outra à 1.ª matuta e salta a fogueira com esta.) Por São João, por S. Pedro, por Santiago, por todos os santos da côrte do céu, como Rufino é meu primo.

2.º MATUTO — (Fazendo o mesmo que o 1.º matuto fez com a 2.ª matuta.) Por S. João, por São Pedro, por Santiago, por todos os santos da côrte do céu, como o Bastião é meu cravo. (O 1.º matuto repete o que diz à matuta. Mas depois da palavra "céu" êle diz: como a Rosinha é minha prima.)

(O mesmo se dá com o 2.º matuto em relação à outra matuta. Depois da palavra céu êle diz: Como a Teresinha é minha cravina.)

## CENA II

(Os mesmos, Graúna e Corcundinha.)

(Graúna entra acompanhado de Corcundinha.)

MULHERES — (Algumas mulheres ao ver o Corcundinha.) Olha o Corcundinha!

GRAÚNA — Que admiração é essa? Nunca viram o Corcundinha? Estou prevenindo! Ninguém, hoje, faz caçoada dêle. Quem fizer conte comigo. Foi seu Vigário quem o mandou buscar para brincar conosco. Vamos, Corcundinha. Seu Vigário está lá dentro. (Saem.)

1.ª MATUTA — Você, viu o Graúna? Anda agora com uma emposição. Porque é noivo da Juriti pensa que tem o mundo na barriga.

2.ª MATUTA — Só de bôbo. A Juriti anda de namoro com seu Juca.

3.ª MATUTA — (Entrando cheia de novidades.) Minha gente! Se vocês souberem o que aconteceu!

1.ª MATUTA — Que foi? Conta.

3.ª MATUTA — A Bonifácia, a criada de D. Faustina, viu uma mulher passar com um homem lá por aquêle escuro que fica na ladeira do brejo. Sabem quem eram êles? A Juriti e seu Juca. (Exclamação de escândalo.)

1.ª MATUTA — Eu não dizia?! O Graúna está fazendo figura de papelão!

COTA — (Que ouviu de longe e se aproximou.) Vocês já estão com a língua comprida de vocês? É melhor que deixem sossegado o nome de Juriti.

3.º MATUTO — (Vindo da casa do vigário.) Seu Vigário está chamando. Está lá dentro uma terrina assim de cangica, pra nós. (Exclamação alegre do povo.) Vamos, minha



gente. (Entram na casa do Vigário. Ficam em cena Cota, Prisca e Fogueteiro.)

### CENA III

(Cota, Prisca, Fogueteiro e depois Major e Bibina.)

COTA — Siá Prisca, essa gente acaba perdendo a Juriti.

PRISCA — Inventam cada aleive!

FOGUETEIRO — É a tal de Bonifácia. Aquilo é ruim que nem cobra. É unida à patrôa dela, a D. Faustina, e pior que cascavel. (Major aparece.)

MAJOR — (Falando para fóra.) Quem você encontrar tocando buscapé prenda, pela minha ordem.

PRISCA — Seu Majó já sabe o que essa gente anda inventando? Que viu a Juriti com seu Juca.

MAJOR — (Zangado) Prisca, quando é que tu hás de te acostumar? Com os diabos! Seu Juca, não, criatura, Dr. Juca. Respeita o pregaminho! (Mudando de tom.) Essa gente que deixe de andar mexendo com o nome de meu filho doutor. Senão... senão...

COTA — Inveja, dor de cotovêlo.

MAJOR — Da Juriti, eu já disse — não tenho medo. As outras é que devem se precaver. Já preveni: não me responsabilizo por filha de ninguém. Juca não é brinquedo. Meu filho doutor é danadinho por mulher.

PRISCA — (Maliciosamente.) Teve a quem puxar.

MAJOR — A quem? A mim? Nunca fui metido para banda de saia. A não ser a da Canuta, minha mulher, nunca me meti com outra. (Todos riem incredulamente.) Vocês estão rindo? Apontem. Provem.

COTA — E a Benta Pereréca? E a Mundica Gibóia? E a Serafina Pistola?

MAJOR — (Com ar de quem se justifica.) Quando a Pereréca estava pra ter criança, todo o mundo jurava que o filho era meu. Aleive só. O filho nasce. Vai-se ver, era prêto que nem carvão. Não podia ser meu. E a Mundica Gibóia? Quando a criança nasceu, tinha o beijo rachado. Não podia ser meu. A Serafina Pistola foi mais ou menos o mesmo. Não havia quem não apostasse que o menino era meu. O pequeno cresce. Era mudo. Pode ser meu? Assim também foi contigo, Fogueteiro.

PRISCA — É verdade. E com a mãe do Fogueteiro?

COTA — Não negue, não negue.

MAJOR — Fala, Fogueteiro, não mintas, eu sou teu pai?

FOGUETEIRO — Mamãe diz que não sabe quem é.

MAJOR — Está aí.

BIBINA — (Chega ao alpendre da casa.) Papai. Seu Vigário está chamando. (Some-se.)

### CENA IV

(Cota, Prisca e Juriti.)

COTA — Siá Prisca, vamos procurar a Juriti. Depois essa gente inventa mais coisas a respeito dela.

PRISCA — Vamos. Isso não é gente.

JURITI — (Entra na sua brilhante alegria.) O Bumba-meu-boi já chegou? Vim correndo. O povo lá do monte vem todo aí.

COTA — Por onde tu andavas, Juriti?

JURITI — Fui à casa de tia Anica levar remédio para o netinho dela que está passando mal. Porque?

COTA — Por nada.

JURITI — Diga.

COTA — É que essa gente já anda aí com enrêdo.

PRISCA — Disseram que te viram com seu Juca naquêle escuro da ladeira do brejo.

JURITI — (Com súbita e profunda transformação.) Eu? Mas que gente má. Mas isso não se faz. Não se inventa uma coisa assim. Eu não faço mal a ninguém. (Ensopam-se-lhe os olhos d'água.)

PRISCA — A Juriti chorando, siá Cota! A Juriti que nunca chorou!

JURITI — É que isso me dói. Isso me fere o coração. Eu não tenho nada, nada; não tenho mãe, não tenho pai, pois nem honra querem que eu tenha?! (Desata da cabeça o lenço de sêda vermelha e enxuga os olhos. Senta-se junto a uma árvore e canta:)

De que vale a minha vida

Tão risonha e tão florida

Se sinto aberto em ferida

O meu pudor?

Eu era flor de ternura,

Macularam-me a brancura,

De que vale assim ser pura

Assim ser flor?

(Enquanto canta, cai-lhe o lenço escarlate das mãos. Ela não percebe. Cota e Prisca aproximam-se dela. Juriti está num grande abatimento.)

COTA — Não fiques triste, Juriti essa gente é mesmo muito má.

PRISCA — Tudo isso é inveja de ti. Não chores. (Abraçadas a Juriti caminham lentamente até ao fundo. Saem.)



## CENA V

(Juca e Raposo.)

JUCA — (Entrando com Raposo.) Ficaste, portanto, mais uma vez barrado?

RAPOSO — Totalmente. Eu subia com a Sofia por aquêle escuro que fica lá na ladeira do brejo. Pensava que ninguém nos visse. E, de repente, ouço um ruído de galhos quebrados e diviso um vulto a 50 passos. Corro. A Sofia corre também. O diabo é que perdi o meu chapéu na tal aventura. Sabes quem eu desconfio que nos estivesse espionando? A Bonifácia, a criada de D. Faustina.

JUCA — Devia ser ela mesma. A velha Faustina agora não te deixa mais. (Depois de olhar para um e outro lado, o que vem fazendo, discretamente desde que entrou.) Onde estará a Juriti? Hoje hei de conseguir um beijo de Juriti. É uma questão de capricho. Escuta: parece que ouvi a voz dela lá em cima, no morro. Vamos ver. (Sobem o morro. Saem.)

## CENA VI

(Faustina e Bonifácia.)

BONIFÁCIA — (Entra com Faustina.) Eu não pude ver bem, siá D. Faustina. De noite enxergo pouco. Os dois vultos iam subindo pra aquêle escuro da ladeira do brejo. Eu, de longe, não pude ver bem. Pisei num galho, o galho estralou, fêz barulho. Os dois vultos me ouviram e amolaram a canela no mundo.

FAUSTINA — (Com vivo interesse.) Era o Dr. Raposo com a tal Sofia?

BONIFÁCIA — Parece que não. Não gosto de levantar aleive a ninguém, mas se não me engano, era seu Juca e Juriti. A muié, eu garanto, tinha na cabeça um lenço. Quem é que anda com lenço na cabeça? É só a Juriti!

FAUSTINA — (Com uma gargalhada.) A Juriti com seu Juca na ladeira do brejo! Minha nossa Senhora? (Outro tom.) Acredite, Bonifácia. Só há um homem sério aqui na vila. É o Cabo. Nunca abusou, nunca me pediu nem um beijo.

BONIFÁCIA — Agora é que eu me lembrei. Aqui está a carta que êle mandou.

FAUSTINA — (Com vivo interesse.) O Doutor Raposo?

BONIFÁCIA — Quem falou em Dr. Raposo? O Cabo. (Entrega a carta.) Eu agora vou lá à ladeira do brejo. Eu quero me certificar quem esteve lá. Eu levo uma luz pra ver o rastro. Eu conheço o tamanho do pé da Juriti e do seu Juca. (Sai.)

## CENA VII

(Faustina, Juca e Raposo.)

FAUSTINA — (Senta-se. Dá com os olhos no lenço de Juriti; apanha-o.) O lenço de Juriti! (Amarra-o faceiramente à cabeça. Tira do bôlso um espelhinho e mira-se.) Como eu estou parecida com a Juriti! (Tira os óculos e lê a carta que Bonifácia lhe entregou.) “Minha estremecida Faustina: Já não posso mais viver sem a tua imagem. Ué! E eu tenho imagem! Eu não sou santa... (Quando Faustina começa a leitura, Juca e Raposo vêm descendo o caminho do morro. Juca dá com os olhos em Faustina, que está de costas para êle e toma-a por Juriti.)

JUCA — (Para Raposo.) Ali está ela, a Juriti. E distraída. Vou furtar-lhe um beijo.

FAUSTINA — (Lendo letra por letra.) Nós precisamos apressar o nosso casamento”...

JUCA — (Pé ante pé, vem por trás, cinge Faustina e grita.) Minha flor! (Faustina volta-se e recebe um beijo em cheio, no rosto. Grito de Faustina. Decepção de Juca:) Oh!

FAUSTINA — (Pudica e ao mesmo tempo faceira.) Eu não sabia, Juca, que tu me amavas tanto assim...

JUCA — (Atrapalhado, envergonhado.) Queira perdoar... Eu pensava...

FAUSTINA — (Derretida.) Se o teu amor é sincero e tu imploras o meu, aqui estou, sou tua. (Juca não sabe o que dizer. Mastigando desculpas vai recuando até ao alpendre da casa onde está Raposo, a rir gostosamente. Entram na casa. Faustina ardente.) Juca, sou tua! Tua!

## CENA VIII

(Cabo e Faustina.)

CABO — (Entra com roupas de mulher no braço.) Recebeu a minha carta?

FAUSTINA — (Nervosa.) Não posso falar com você agora, Cabo.

CABO — Porque?

FAUSTINA — Não sou mais capaz. Um homem acaba de abusar da minha fraqueza de mulher.

CABO — (Parte) Bonito! Perdi as vacas! (Alto) Quem foi êsse bandido? Vou matá-lo. Diga!

FAUSTINA — O Seu Juca!

CABO — Que fêz êle? Responda! Responda!

FAUSTINA — Deu-me um beijo, agora mesmo.

CABO — (Numa mutação) Só? Ora... Ora... um beijo! Um beijo não vale nada. Por um beijo não se briga. (Canta)



Um beijo, acredita,  
Não mata ninguém,  
A môça bonita  
Dá beijos também.

FAUSTINA —

Que grande ladino  
Se mostra você **(Bis)**  
Mas eu lhe previno  
Que beijos! Não vê!...

CABO —

Um beijo machuca?  
Machuca, meu bem?  
Beijou-te seu Juca? **(Bis)**  
Eu quero também!

FAUSTINA — **(Embora sovina.)** Eu dou  
a você. **(Entrega-se.)**

CABO — **(Beijando-a.)**

Um beijo, Faustina,  
É bom como quê!

FAUSTINA — **(Que só agora vê as roupas no braço do Cabo.)** Que roupas são essas, Cabo?

CABO — Eu não lhe disse que vou ser a mãe Catarina do Bumba-meu-boi? Isto é a saia que eu vou vestir.

FAUSTINA — Vem gente aí. Vá embora. Depois começam a falar de nós. **(Ruídos maiores.)** Vá embora. **(Ambos saem.)**

### CENA IX

**(Juca, Raposo, 6 Matutas e 3 Matutos.)**

**(As Matutas e os Matutos invadem alegremente a ceia, vindos da casa do Vigário. Cada Matuta traz um ovo e um copo. Juca e Raposo vêm com o grupo.)**

1.<sup>a</sup> MATUTA — Vamos fazer a sorte do ovo.

RAPOSO — **(Para Juca)** Que sorte é essa?

JUCA — **(Para Raposo.)** É muito simples.

Quebra-se a clara do ovo dentro da água de um copo. Coloca-se tudo ao sereno e, ao amanhecer, vai-se ver a sorte. Se a clara tomou a forma de uma coisa que se pareça com igreja, dizem os sertanejos que é casamento, se a forma de um navio-viagem, de uma cruz — morte. **(Raposo ri incrêdulosamente.)**

2.<sup>a</sup> MATUTA — **(Para Raposo)** Não ria. É certo. Vamos botar os copos ao sereno. **(Vão sair quando entra a 6.<sup>a</sup> Matuta trazendo uma bacia d'água.)** Vamos à sorte da bacia d'água.

JUCA — **(A Raposo)** É outra sorte de São João. À luz das fogueiras as môças miram-se numa bacia. E se vêm retratadas na água, serão felizes durante o ano.

RAPOSO — E se não se vêm?

2.<sup>a</sup> MATUTA — A gente ou morre ou sofre uma grande desgraça. **(Juriti vai entrando tristemente.)** Olha a Juriti!

### CENA X

**(Os mesmos e Juriti.)**

3.<sup>a</sup> MATUTA — Que é que tu tens, Juriti? Estás tão triste.

JURITI — Nada, deixa-me.

3.<sup>a</sup> MATUTA — **(Penalizada.)** Ora, a Juriti está triste! **(As matutinhas trazem a bacia para o 1.<sup>o</sup> plano.)** **(Matutinhas miram-se na água da bacia.)**

JUCA — **(Para Juriti)** Não te queres mirar? **(As môças trazem a bacia para Juriti. Ela, ao mirar-se, fica aflita e remira-se aflitíssima. Solta um grito.)**

TODOS — Que foi? Que foi?

JURITI — Não vi meu rosto. Que desgraça está para me acontecer, meu Deus?! **(Chora.)**

RAPOSO — Não chores. Não acredites nisso.

2.<sup>a</sup> MATUTA — Vamos botar os ovos ao sereno. **(Saem todos.)**

### CENA XI

**(Major, Vigário, Graúna, Bibina e povo.)**  
**(Todos vêm da casa do Vigário. Este vem conversando com o Major.)**

MAJOR — Pois você está muito enganado, seu compadre. Já fui vaqueiro como aqui no sertão nunca houve outro. Atrás de um garrote não tinha outro igual. Hoje não; estou velho. Mas, assim mesmo, não faço papel feio. Está aí o Graúna que pode dizer. Vem cá, Graúna, eu sou mole no campo?

GRAÚNA — Seu Major ainda é influído.

MAJOR — Está aí. O Graúna não me deixa mentir.

VIGÁRIO — **(Troçando)** Deixe de gabolice, compadre.

MAJOR — Gabolice?! Eu conto a vocês. De uma feita... (eu ainda não era casado contigo, Canuta.) De uma feita, eu me botei pra riba de um garrote. Garrote danado aquê pra correr! Atirei o cavalo em riba do bicho e o bicho mergulhou no mato. E eu atrás sobe morro, desce morro, pega aqui, — pega acolá — foi quando eu senti a pancada de um galho de árvore aqui assim no olho esquerdo. Mas não teve nada. Enterrei as esporas no cavalo e, lá adiante, o garrote fracatou e eu segurei o bicho e trouxe-o pro curral.

VIGÁRIO — Ora que novidade! Isso qualquer vaqueiro faz.

MAJOR — Espere lá. Eu ainda não acabei. Deixei o garrote no curral e vim pra casa. Quando fui tomar bênção à minha mãe ela me olhou e gritou: Fulgêncio cadê teu olho? Foi aí que eu reparei — o galho da ár-



vore tinha me arrancado o olho esquerdo. Nem tirei a perneira! Montei de novo no cavalo e segui. Eu me lembrava bem do lugar em que ficava a árvore. Saltei e comecei a procurar. Quando eu olhei assim pro chão, estava uma coisa brilhante no chão, cheia de areia, de fôlha sêca, de gravetos. Era o meu olho. (Movimento de quem apanha no chão um objeto e sopra-o e limpa-o na calça e o coloca na órbita ocular.) Voltei pra casa. Mãe já tinha botado o de comer na mesa. — Fulgêncio, vem jantar. Não quero não, mãe, eu estou enjoado, estou vendo as tripas lá por dentro. — Fulgêncio, teu olho está do avêssô. Eu tinha botado o olho com a menina pra dentro. (Gargalhada de todos.)

BIBINA — (Baixo à Canuta.) Papai já está bebido e já começou a mentir.

CANUTA — (Baixo à Bibina) Tu está doída, menina! Tu queres desmentir teu pai?

VIGÁRIO — (Ainda a rir.) É demais, seu compadre! Essa é demais!

MAJOR — Está aí Canuta que pode servir de testemunha. (Juriti vai entrando com Cota, Prisca, Matutinhas e Matutinhos.)

## CENA XII

((Os mesmos, Juriti, Cota, Prisca, Matutinhos e Matutinhas e Matutas.))

MAJOR — Juriti, vem cantar alguma coisa.

COTA — Juriti hoje está triste, seu Major.

MAJOR — Triste, nada! Vem alegrar o terreiro do Vigário, enquanto o Bumba-meu-boi não chega.

VIGÁRIO — Onde está o Corcundinha?

GRAUNA — Lá dentro.

VIGÁRIO — Vai buscá-lo. E o nosso Dr. Raposo? E o Juca? (Grauna sai.)

MAJOR — Você, seu compadre! Até você, que devia dar o exemplo!

VIGÁRIO — Que foi?

MAJOR — Êsse Juca assim, sem mais nada? O rapaz é doutor. Respeite o pregaminho.

VIGÁRIO — Não me lembrava. (Para o povo.) Porque vocês não tocam e não dançam? (Dança-se e só depois de terminada a dança entram Grauna e Corcundinha.)

## CENA XIII

(Os mesmos e Corcundinha.)

GRAUNA — (Trazendo Corcundinha.) — Aqui está o homem.

VIGÁRIO — (Para o Corcundinha.) Pega a viola e canta.

CORCUNDINHA — Já não sei cantar.

MAJOR — É faceiricé. Vocês dois, tu e Grauna, são cantadores de fama. Queremos ver qual dos dois canta mais bonito. Juriti, passa aqui pra frente. (Grauna e Corcundinha sentam-se em posição de cantar. Fica o povo em roda. Algumas mulheres sentam-se no chão para ouvir. Juriti sentada num tronco de árvore ou num banquinho está em destaque.)

GRAUNA — (Canta de viola ao peito.)  
Corcundinha esquece a mágoa  
De Juriti não te amar,  
Bota a viola no peito  
Vamos-lhe a graça louvar  
Se teu amor é sincero  
É grande o meu como o mar.

CORCUNDINHA — (Cantando de viola ao peito.)

Dela gostas na alegria,  
Eu atrás desta dor.  
O amor do desprezado  
Êsse sim, êsse é amor...  
É meu peito uma tapera  
Onde não há morador.

GRAUNA —  
Até no céu corre a fama  
Da graça da Juriti  
Da doçura de sua bôca  
Adoçou-se o abacaxi,  
Do seu cheiro se perfumam  
Resedás e bogari.

CORCUNDINHA —  
Se lhe digo o nome sinto  
A viola estremecer,  
Uma nova vida passa  
de corda em corda a correr,  
E para as cordas tocarem  
Não se precisa tanger.

(Ao terminar o canto Corcundinha e Grauna levantam-se e, como no sertão o usa depois da louvação, aproximam-se de Juriti e deitam-lhe as violas aos pés. Grandes aplausos do povo que ovaciona os cantadores à proporção que as estrofes vão sendo concluídas.)

PESSOAS DO POVO — Bravos! Bravos! Responde Juriti! Responde! (Juriti faz gestos negativos.)

MAJOR — Tem que responder. Uma cantadeira como tu não deixa de responder a uma louvação.

VIGÁRIO — Eis aí duas violas aos teus pés. Fecha os olhos e pega uma. (Juriti obedece-lhe a indicação.)

MAJOR — Vamos ver qual das duas ela pega. (Juriti pega a viola do Corcundinha.) Foi a tua, Corcundinha! A sorte está te ajudando!

JURITI — (De viola ao peito, canta profundamente triste.)



Tinha a alvura da cambraia  
O meu nome antigamente,  
Hoje uma beira de praia  
Sabujada pela enchente.  
Triste da môça donzela  
Que anda na bôca da gente.

(Juriti termina a estrofe soluçando. Profunda surpresa de todos.)

VARIAS PESSOAS — (Correndo solícitamente para ela.) Que foi? Que aconteceu? Que tens?

GRAÚNA — (Surpreendido, cheio de angústia.) Fala! Que tens? Porque choras?

JURITI — (Forçando o riso.) Nada, nada! Tolice. Já estou rindo.

#### CENA XIV

(Os mesmos e Fogueteiro.)

FOGUETEIRO — (Entra correndo.) Lá vem o Bumba-meu-boi! Lá vem o Bumba-meu-boi!

VARIAS PESSOAS — Onde? Onde?

FOGUETEIRO — Ali perto da casa do seu Major.

MAJOR — Vamos receber no caminho, vamos! Deixa de tristeza, Juriti, vem com a gente. (Saem todos alegremente, e sem ordem. Graúna, profundamente triste, fica em cena. Cota, que foi até ao fundo com o povo, volta.)

#### CENA XV

(Cota e Graúna.)

COTA — Que tu tens, Graúna?

GRAÚNA — Ah! Vocemecê é que me pode explicar tudo. Porque é que Juriti está triste?

COTA — Ora, rapaz? Então a gente há de estar contente a tôda hora?!

GRAÚNA — Mas Juriti estava chorando e a Juriti nunca chorou!

COTA — Não é por nada. É por umas bobagens que essa gente anda dizendo dela. (Movimento de Graúna.) Aleive, rapaz! A Bonifácia anda inventando que viu a Juriti com seu Juca, lá no escuro da ladeira do brejo.

GRAÚNA — (Agarrando o braço de Cota.) Que! Juriti com seu Juca na ladeira do brejo! Ah! Isso precisa ficar apurado!

COTA — Tu estás doido, rapaz! Não estás vendo que isso é intriga, é maldade? Não conheces a Bonifácia? Não sabes como ela é?

GRAÚNA — Sim! Mas eu preciso pôr isso a limpo! Seu Juca anda mesmo se metendo p'ro lado da Juriti. Ah! Agora é que eu estou atinando... Foi por isso que êle deu a ela aquêle lenço vermelho. Ah! É por isso que por onde a Juriti anda, êle anda em redor.

Mas eu preciso liquidar isso hoje, já! Já! Siá Bonifácia vai me provar o que anda dizendo!

COTA — Que modos são êsses, Graúna! Não vês que é aleive?

GRAÚNA — Onde está siá Bonifácia? Vou atrás dela. Eu preciso tirar êsse pêso do coração. (Sai impetuosamente.)

#### CENA XVI

(Cota e Bonifácia.)

COTA — Meu Deus o que vai sair desta coisa! (Entra Bonifácia.) Olha, por móde a tua língua, vai haver hoje um barulhão aqui. (Bonifácia mostra não compreender a alusão.) Tu não inventaste que viste a Juriti com seu Juca? O Graúna anda à tua procura. O Graúna quer falar contigo.

BONIFÁCIA — Eu inventando? Deus me castigue se eu inventei. Eu vi. Vi os dois lá no escuro da ladeira do brejo. Era a Juriti mesmo. Voltei para me certificar. Está aqui o lenço dela que caiu quando ela correu. Está aqui o chapéu do Dr. Juca.

COTA — É mentira! A Juriti quando chegou ainda agora aqui trazia o lenço na cabeça.

BONIFÁCIA — Trazia nada. Está aqui. O Graúna que venha falar comigo. Eu provo. (Sai.)

COTA — Meu Deus! (Chamando para fora.) Bonifácia! Bonifácia! (Sai)

#### CENA XVII

(Raposo e Sofia.)

(Êle entra de um dos lados e ela por um dos caminnos do mórro.)

RAPOSO — Estava inquieto, sem saber por onde andavas. Correste para um lado e eu para o outro. Pensei que te tivesses perdido no mato. Andava à tua procura.

SOFIA — Não me perdi. Ando é à procura do lenço que trazia na cabeça. Caiu-me quando corri.

RAPOSO — Também o meu chapéu.

SOFIA — Vamos procurá-los. Amanhã esta gente dá com o teu chapéu e com o meu lenço e é um zum-zum dos diabos aqui na vila. Procuremo-los enquanto é noite. (Saem.)

#### CENA XVIII

(Todos os da cena XIV, menos Graúna e mais o pessoal do Bumba.)

TODOS — (Invadem desordenadamente a cena ao som de estalos de traques.) (Cantos perto.)



MAJOR — Saiam do meio! Saiam do meio p'r'os boi dançar!

CÔRO — (Fóra)

Chô chô, Jurumana  
Somos cabôclos de Vila Romana

CABOCLOS —

Somos cabôclos guerreiros,  
Lá das serras nós viemos,  
Pra guardar o boi de fama  
Boas flechas nós trouxemos.

(Ao repetir-se o estribilho o boi entra com todo o acompanhamento.)

VAQUEIRAS —

O nosso nó laço vaqueiro  
Nossa vara de ferrão  
Hão de guardar o valente  
Boi de fama do sertão

BURRINHAS —

Somos também do cortejo  
Do boi de fama real,  
Ai! Que boi enfulemado,  
Outro assim não há igual!

(Enquanto Pai Francisco e Mãe Caterina cantam, o Major os observa cheio de curiosidade.)

PAI FRANCISCO e MAE CATERINA —

Êsse boi não me faz medo  
Que êle é boi não é garrote,  
Há de morrer esta noite  
Na bôca de um clavinote.

MAJOR — (Pouco antes de terminar o canto.) Pára! Pára! (Trazendo Pai Francisco e Mãe Caterina à luz.) Deixem que eu me certifique. (Solta uma grande gargalhada.) Minha gente! O Coronel Cutrim é o Pai Francisco e o Cabo a Mãe Caterina! (Para os bois.) Vocês não têm vergonha! Um delegado, um chefe de partido! Um comandante do destacamento de saia!

CUTRIM — É de tua conta?

CABO — O Major não tem nada com isso.

MAJOR — Tenho, sim senhor! É da minha conta, sim! Isso desmoraliza a categoria do cargo.

VIGARIO — Compadre. Não provoque barulho. (Entra Graúna impetuosamente, desvairado. A marcação deve ser de maneira tal que o Bumba-meu-boi e as figuras fiquem daqui por diante em segundo plano envolvidas, ocultas pelas personagens principais da peça.)

## CENA XIX

(Os mesmos e Graúna.)

GRAÚNA — (Violentamente.) Pára! Pára tudo! É bom que esteja tôda a gente aqui reunida. Foi bom que eu lhe encontrasse, siá Bonifácia. Vamos saber dessa história: Vo-

cê disse que viu Juriti, lá no escuro do brejo com o Dr. Juca! Fale! (Espanto de todos.)

JURITI — Graúna, tu acreditas?

GRAÚNA — Não sei! Eu quero apurar essa coisa. Fale, siá Bonifácia! Você viu? Fale!

BONIFÁCIA — Vi, sim! Ela e o Dr. Juca!

JURITI — Eu?

COTA — É mentira!

CORCUNDINHA — (Para Bonifácia.) Estás mentindo, miserável!

MAJOR — (Para Bonifácia.) Fale a verdade, mulher, fale a verdade!

GRAÚNA — (Para Juriti) Tu não te defendes? Fala! Dize alguma coisa.

JURITI — (Fortemente) É mentira! É mentira! É mentira!

BONIFÁCIA — Mentira, não. Tu estavas lá, sim! Está aqui o chapéu do Dr. Juca. Olha o teu lenço que caiu quando fugiste. (Graúna arrancando o lenço das mãos de Bonifácia e atirando-o ao rosto de Juriti.)

GRAÚNA — Está aqui teu lenço. Miserável! Está aqui a prova! Nega! Nega! (Trazendo-a pelo braço à frente da cena.)

JURITI — Não é meu! Não é meu! É mentira!

COTA -- Não é o dela!

GRAÚNA — (Para Juriti) Mas onde está o teu lenço? Fala! (Juriti leva a mão a cabeça, apalpa-se e faz um gesto de quem não sabe.) Infame! Infame! (Arrancando a garrucha.) Vais morrer!

CORCUNDINHA — (Segura-lhe o braço.) Alto! (Graúna contém-se.) Assim é que a amavas? Não se fere nunca o peito que se amou!

GRAÚNA — (Olha Juriti com uma profunda expressão de nôjo e depois atira a garrucha no chão.) Não mereces uma bala. (Pequenina pausa. A expressão de nôjo muda-se em descarga de nervos, em desespero incontido.) Sua cachorra! Cachorra! Cachorra! (Em desespero maior, bem alto, como em delírio, para o povo.) Minha gente, a Juriti é pior de que uma cachorra!

JURITI — (Numa explosão.) Pois sim, sou! Estou pura, estou inocente e ninguém, nem tu, acredita na minha inocência! Queres que eu seja cachorra, sou cachorra, sim!

CORCUNDINHA — (Comovido) Juriti, para mim és sempre a mesma.

JURITI — Ah! Encontrei um peito para encostar a minha desgraça. És tu o único que tem coração.

GRAÚNA — Só mesmo êle, um "gira", um aleijado, podia ter coragem para sujar-se contigo.

JURITI — Um aleijado, um gira, mas que não tem aleijão nenhum na alma!



GRAÚNA — (Para Juriti.) Vai! Toma! Leva o teu lenço! Cobre a tua vergonha com este pedaço de pano! (Atira-lhe com o lenço à cara. Nêsse momento entra Sofia, Raposo e Juca.)

### CENA XX

(Os mesmos, Sofia, Raposo, Juca e depois Faustina.)

SOFIA — (Entrando justamente no momento em que Graúna atira o lenço à cara de Juriti.) O meu lenço! O meu lenço! (Comoção do povo. Todos olham Graúna e Juriti.)

GRAÚNA — (Com surpresa.) Esse lenço é seu?

SOFIA — É, aqui está a minha marca. (Graúna arranca o chapéu das mãos de Bonifácia e vai fazer uma pergunta quando:)

RAPOSO — O meu chapéu! (Todos ficam estatelados.)

VIGÁRIO — (No meio do silêncio.) E o lenço da Juriti? (Nêsse momento entra Faustina, com o lenço de Juriti amarrado à cabeça. Nada viu da cena e fica surpreendida do silêncio. Cota vai até lá, desata-lhe o lenço e entrega-o a Juriti silenciosamente. Graúna assiste a tudo cheio de assombro. Pequena pausa.)

GRAÚNA — (Para Bonifácia.) Você não disse que aquêlen lenço (O de Sofia) era de Juriti?

BONIFÁCIA — (Medrosa, envergonhada.) Eu pensei. Eu me enganei. (Graúna fica profundamente abalado. Baixa a cabeça como ao pêso da injustiça que acabara de cometer.)

GRAÚNA — (Depois de algum tempo, envergonhado e comovido.) Juriti! Perdôa! (Abrindo os braços.) Vem! Vem!

JURITI — Ah! não! (Mostrando Corcundinha.) Eu agora sou dêle. Na hora da desgraça foi êle quem me amparou.

GRAÚNA — Mas êle ?Tens a coragem de ficar com êle?

JURITI — Sim, tenho! Tem a alma maior que a tua, tem o coração maior que o teu. À menor suspeita tu me repeliste, êle me quis no momento em que me enxovalhavas. Nunca duvidou de mim. Vou unir a minha vida à dêle. Uma desgraça há de amparar a outra. (Graúna, comovido, tem um gesto de louco. Vai sair. Arrepênde-se; volta-se a soluçar.)

VIGÁRIO — (Para Graúna) Que vais fazer?

GRAÚNA — Vou me embora. Vou levar a minha dor e a minha culpa por êsse mundo sem fim.

JURITI — Vai! Vai! (Caminha para Corcundinha.)

CORCUNDINHA — (Abrindo os braços para receber.)

Vem florir minha desgraça  
Na doce aurora da graça  
No teu divino calor...

Para mim és sempre pura  
A mesma flor de candura,  
A mesma candura em flor.

MULHERES —

Rude intriga venenosa  
Que transforma em fera a rosa  
Que transforma em lama a flor,

TOPOS —

Maldita maledicência,  
Que destrói a pura essência  
A pura essência de amor.

GRAÚNA —

Adeus, adeus, vou-me embora,  
Vou por êsse mundo afora  
Chorar o amor que perdi... (Bis)  
Se junto à beira da estrada  
Vires uma cruz fincada,  
Reza por mim, Juriti! (Bis)

(Cantando, Graúna vai caminhando para o fundo e subindo o caminho dos morros.)

JURITI —

O nosso amor agasalha  
Nas dobras dessa mortalha  
Que talhou tua própria mão...  
Para te ser mais florida  
A dura estrada da vida  
Leva também meu perdão.

(Graúna ouve-lhe o canto lá de cima do caminho do morro. Só desaparece quando ela o termina.) (Ouve-se, ao terminar o canto de Juriti, uma nova música.)

PESSOAS DO POVO — Que é isso? Que é?

MAJOR — É o povo lá da serra que vem assistir o Bumba-meu-boi.

(Pelos caminhos dos morros vem descendo um rancho de homens e mulheres cantando. Movimento em cena. Alegria.)

CÓRO — (Descendo os morros.)

Que vida nova  
Neste Sertão!  
Tudo revive  
Pelo São João!  
Serras, campinas  
Dêste sertão,  
Tudo revive  
Pelo São João!

(Cresce a alegria em cena. Os que estão em baixo, levantam os braços, chapéus e lenços para o rancho que vem descendo os montes.)